412

REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS E DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SUMÁRIO

Gente negra, corações vermelhos	Leite de Magalhães
Uma figura de Portugal Ultramarino: Mamadu Sissé	Hugo Rocha
Sonata	Augusto Silva
Entre Nalus e Futa-Fulas: I — Os Homens-Leopardos II — Cacumba	Óscar Ruas
Alguns aspectos do «Eterno Feminino» nas Colónias (Continuação)	Lopo Vaz de Sampayo e Mello
A Guiné em 1917	Maria Archer
Abdulai, o caçador	Artur Augusto
Discursos de recepção ao Cruzeiro de Férias: do Governador da Guiné	Luiz António de Carvalho Viegas
do Presidente da Comissão de Recepção	José Peixoto Ponces de Carvalho
do Director do Cruzeiro	Augusto Cunha
Bibliografia	Florêncio J. S. Pires

GUINÉ

Número 28 — Abril de 1936 — Volume III

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651-20652

//

C... A
(In... o)

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adj	17$00	32$00
Colónias Portuguesas	23$00	45$00
Índia, Macau e Timor	25$00	50$00
Estrangeiro . . .	50$00	100$00

NÚMEROS ESPECIAIS
Desta tiragem, em papel Manchester Ledger e couché Chelsea, executaram-se 25 exemplares, numerados e rubricados pelo Director.

Comp. e Impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

GENTE NEGRA CORAÇÕES VERMELHOS

¡Negros!...

...Porque Deus os fez assim, diferentes de nós em côr, há quem viva entocado na crença de que naqueles peitos só se formaram corações e almas de timbre inferior, incapazes de sentir e de vibrar como vibram e sentem os da gente branca. Na dúzia e meia de anos em que andei caboucando, apaixonadamente, por êsse ultramar além, quantas vezes me feriu os ouvidos, num grito raivoso, a apóstrofe deprimidora *«eh, cão-negro»*, cuspida sobre um pobre diabo que se encobria de pavor e de humildade e cuja condição era *servir* o bem e a comodidade alheias, sem tirar para si mais que o custo do seu pão diário e dos farrapos vis que mal lhe defendiam a nudez do côrpo.

¡Negros!...

...¿Porquê a ruindade dos juizos que os apoucam, como se apenas se tratasse de animais de carga, quando, em bôa verdade, tudo quanto nêles nos parece *negativo* nada mais representa que primitivismo de crenças, de costumes, de cultura e de necessidades?

¡Negros!...

...Nunca será demais lembrar que, desde longe, foi sôbre as qualidades *positivas* de muitos dêles—a sua robustez, a sua bravura, a sua obediência e a sua lealdade,—que Portugal pôde construir a imensa

obra colonial que assombra quem a estuda e quem a vê, e que ainda hoje são êles, como hão de ser àmanhã, os soldados, os trabalhadores e os amigos com que precisamos de contar — e poderemos contar — para a defêsa e o engrandecimento dos chãos sagrados que prolongam e avolumam a terra portuguesa.

Se quiséssemos passar em revista tudo quanto devemos em esfôrço, colaboração e auxílio às populações nativas dos territórios distantes que o braço português avassalou desde Ceuta à Índia e às Molucas, e tanto nos sertões de Angola e de Moçambique e da Guiné como nas brenhas imensas do Brasil, seriam precisos volumes para conter tôda essa maravilhosa história. Batendo-se a nosso lado, desbravando selvas, rasgando caminhos, cultivando chãos e carregando produtos, quási tudo quanto existe erguido sobre a terra vasta do Império acusa nos alicerces e na argamassa dos muros o sangue e o suor do soldado e do obreiro indígena, — colaborador secular e gigantesco da gigantesca e secular actividade colonizadora da Raça.

Há-de haver, talvez, quem diga: foi como «escravos» que o fizeram! E até em livros portugueses de História, — que ainda não foram queimados em auto-de-fé depurador, antes se guardando como relíquias nas estantes caseiras e nas bibliotecas públicas, — se podem respigar páginas de acusação infamante, em que a pior ausência de patriotismo se irmana e alia à falta de escrúpulos no rigor do estudo e da apreciação dos factos. Oxalá Deus me não leve dêste mundo sem antes haver extirpado, fazendo história da documentação arrecadada, êsse tumor maligno que gente desalmada e vil nos incrustou nas carnes sãs e contra o qual já uma vez gritou, numa revolta de orgulho e desafronta, a voz intrépida e castigadora de Sá da Bandeira.

Porque a verdade é esta: é que foi com gente afeiçoada e grata ao nosso domínio, sentindo e reconhecendo a protecção da nossa fôrça, a isenção da nossa justiça, a bondade do nosso caracter, o carinho da nossa assistência e a beleza excelsa da nossa civilização cristã, que Portugal ampliou através dos mares o seu território e a sua fama, fazendo o que jamais outro povo fizera e que nunca mais no mundo se repetirá. Nem

teria sido possível ao punhado de gente, que nós eramos, desenvolver a acção formidável que no mundo inteiro se fez sentir, com glória imorredoira para o esfôrço lusitano, se, numa colaboração sem par, não tivesse andado a multidão do gentio a servir a mesma bandeira e a mesma crença, dedicando-se de corpo e de alma à Cruz de Cristo e às quinas de Portugal.

Por vezes, até no gentio rebelde ao contacto da nossa fé deparamos aliados que heroicamente combateram por nossa causa, começando de misturar-se na terra, em poças de sangue igualmente rubro, os sangues das raças que, em cruzamentos de amôr, haviam de produzir os elementos crioulos que, falando a nossa língua, foram povoando, com raízes eternas, os territórios da conquista desde as costas da América até às ilhas extremas da Oceânia.

Há muitos episódios de excelsa formosura que, para confusão do bandidismo internacional, poderiamos expôr, em repiques de orgulho, desafiando as quadrilhas ávidas de nossos bens a que nos dissessem onde e quando teriam sido credoras de amizades e devoções semelhantes. E não teremos precisão de recorrer às velhas crónicas para nos enriquecermos de exemplos edificantes: bastar-nos-á a história moderna para nos fornecer os casos suficientes ao bom julgamento da nossa causa perante a Humanidade, que Portugal tem servido e honrado como nunca fizeram melhor as demais nações da terra.

Ora contemos um dêles — e êste de fresquissima data, pois que há apenas 39 anos incompletos que se passou, — para que bem se meça, em tôda a sua profundidade e extensão, a qualidade dos sentimentos que tornaram grande e eterno o domínio de Portugal sôbre o espírito das populações nativas dos seus territórios de além-mar, — exemplo êsse de tão comovedora beleza que até nas escolas devia ser contado para que se tornasse estímulo e culto da gente moça que há de ser, nas fileiras, os soldados de àmanhã.

Foi na Guiné, em 1897... Sob o comando do alferes Graça Falcão, organizara-se uma coluna em Farim para castigar o gentio rebelde do Oio. Inimigo bravo e território hostil. A coluna marcha com tôda a segurança, internando-se no mato: poucos soldados, entre mangas de indígenas fieis.

Era porta-bandeira da coluna um chefe «mandinga»: Limani Injai.

No dia 29 de Março, um tiroteio infernal rompe da floresta alvejando a coluna. Trava-se o combate com decisão e galhardia, respondendo as nossas fôrças ao fogo traiçoeiro e atacando por sua vez as chusmas abrigadas.

Soldados e irregulares «mandingas» batem-se como leões. Há perdas graves nas nossas fôrças... Caem mortos o tenente António Caetano e o alferes Luiz António. E, no mesmo campo, servindo a mesma causa, morre também, heroicamente, o grande chefe «mandinga» Quecuta Mané. Três sargentos e mais quatorze cabos e soldados vão caindo sucessivamente — e para sempre — ao lado da gente negra que, no mesmo instante, se batia pela bandeira de Portugal.

Limani Injai, orgulhoso do troféo que lhe fôra confiado, erguia-o a tôda a altura do seu braço robusto e agitava-o intrépidamente, numa provocação ao inimigo e num encorajamento aos nossos, desafiando as balas e as fréchas que silvavam em seu redor.

De súbito, uma dôr aguda no peito... Oscila e cai. O sangue, em borbotões, jorrava duma ferida que se lhe abrira na carne escura. Sente que lhe foge a luz dos olhos... Mas lembra-se da bandeira, que fôra entregue à sua guarda e que bem merecera pela sua bravura e lealdade. E ergue-se, dum salto, empunhando-a na mão nervosa e forte. Grita para que lhe acudam... O tiroteio continua cada vez mais encarniçado. O barulho é ensurdecedor. Em todo o campo, é enorme o movimento de gente que ora avança ora recua nas flutuações conseqüentes da rudeza do combate.

Cai de novo... Ninguém o ouvira, — e sente que a vida se lhe esvai com o sangue perdido. Em segundo arranco, ergue-se sobre as pernas, que já mal obedecem à fôrça dos músculos, e de bandeira alçada, a plenos pulmões, lança um apêlo de socôrro que se fez ouvir por entre o ruído da refrega.

Um soldado, que passava a correr, parou... E, circunvagando os olhos por cima do hervedo alto, viu, a umas dezenas de metros, a bandeira que se afundava no capim, arrastada pelo corpo moribundo que a sustinha.

Aproximou-se... E Limani Injai ao vê-lo, já com os olhos a cobrirem-se pela névoa da morte, sorriu docemente apontando-lhe a bandeira caída e, num rápido movimento dos lábios, murmurou apenas: *leva-a*...

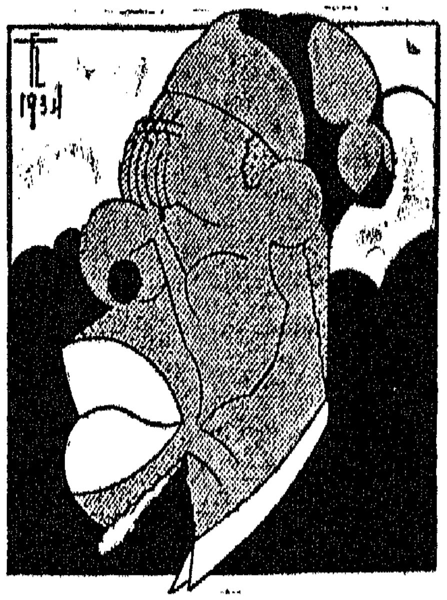
...E expirou!

. . . .

¿Qual será o povo — dêsses que andaram atrás de nós a roubar-nos a fazenda e doutros que ainda cobiçam a que nos resta — capaz de citar ao mundo um caso de amor semelhante, colhido com a mesma verdade nos fastos da sua vida ultramarina?

CORONEL LEITE DE MAGALHÃES

UMA FIGURA DE PORTUGAL ULTRAMARINO



MAMADU SISSÉ, VELHO RÉGULO DA GUINÉ E TENENTE DE SEGUNDA LINHA

Certo começo de tarde, junto dum monumento de madeira e gesso que tinha esta legenda simbólica e tocante: *Ao Esfôrço Colonizador Português*, congregara-se tôda a gente de côr que representava, na Exposição Colonial, o Ultramar português.

Copiosa representação galega visitava, nêsse dia, o certame. E, para que a noção da grandeza do Império Português se gravasse bem no cérebro dos visitantes estrangeiros, todos os indígenas da nossa África, da nossa Ásia e da nossa Oceânia haviam sido dispostos, em hemiciclo, em local tão significativo e em tão simbólica parada. Lá estavam os nativos de Cabo Verde, com seus rostos crioulos, largo chapéu de palha nos homens, lenço de côres, atado em pontas, nas mulheres. E os de Timor, com seu traje de guerra, de exotismo, perfeitamente, oriental. E os de Macau, com seus fatos leves, de calças curtas, casaquinhos de sêda e sapatilhas de pano. E os da Índia, de turbante de côr e luxuosas vestes à moda das côrtes de rajás. E os de Moçambique, de adornos de guerra imponentes e enérgico parecer. E os de Angola, desde os rapazes civilizados da Missão de Caconda ao gentio estranho do Quipungo e dos Ganguelas, fedendo a gordurosos enfeites. E os da Guiné, os mais completos na representação étnica, os mais acentuadamente gentílicos, os que contavam, também, com mais bizarras mulheres — ¿quem não se recordará da Rosinha, endeusada pelo gentio branco que ia à Exposição, de-propósito, para a ver? —, os que evidenciavam, talvez, o traço mais tropical, mais genuìnamente africano do sertão. Pois, tôda essa gente, tão complexa de fisionomias, de indumentárias, de adornos, até de atitudes, olhava, por vezes, furtivamente, com admiração que transcendia a pasmo, a figura desempenada, vestida de branco, encarapuçada de vermelho, do meu prezado amigo

Mamadu Sissé, *régulo* poderoso da Guiné e bravo oficial de segunda linha do Exército português. O velho negro, a quem não passava, com certeza, desapercebido aquêle olhar circundante de admiração, sorria, dentro duma serenidade absoluta e dum absoluto à-vontade.

Havia chegado aos ouvidos de tôda a gente que o alcaide de Vigo, supremo dirigente dos excursionistas galegos que visitavam a Exposição, ia pôr ao peito do nobre Mamadu uma condecoração, uma alta insígnia de alto aprêço. Naturalmente, êstes zum-zuns correm mais de-pressa, entre a gente de pele escura do que entre a que veio ao mundo com epiderme branca. E era por tal razão que os representantes do Império Colonial Português, curiosos como bons indígenas que eram, miravam e remiravam o corpo alto do tenente preto da Guiné, em cuja farda branca, marcada, nos punhos, com dois galões amarelos, ia brilhar, daí a pouco, a venera significativa da homenagem dos galegos àqueles que, embora doutra côr, doutra raça, doutra nação, tão bem sabiam servir e honrar Portugal.

Quando a cerimónia se realizou, em frente ao mastro altivo que a bandeira verde e vermelha coloria, no tope, notei que muitos dos indígenas ultramarinos presentes — e todos os indígenas assistiam à consagração do tenente negro da Guiné — tinham nos olhos o brilho forte da mais forte emoção. Não curei — faltava-me o tempo para isso — de saber em que pensavam aqueles cérebros simples que a medalha da cidade de Vigo dada a Mamadu impressionava e deslumbrava. Mas, ouvi, casualmente, a um dos pretos da Guiné que pertenciam ao séquito do medalhado, uma exclamação que se me afigurou grandiosa. Dizia êle, no seu português desarticulado, para um branco qualquer das suas relações que o havia interpelado sôbre o assunto: *¡ Portugal tão grande, tão grande, que até «régulo» do Guiné é estimado noutros nação!*

A frase é, talvez, no vosso entender, mais corriqueira do que a mais corriqueira frase do marçano que vos vende o bacalhau. É preciso, porém, não esquecer que, para o cérebro dum preto da Guiné, que desconhece — e felizmente para êle — essas complicações da cortezia internacional, aquelas palavras têm um excepcional valor. E eu agradecer-vos-ia muito que pensásseis, um minuto que fôsse, no significado dessa frase de admiração e que confessásseis, depois, mesmo que fôsse à própria consciência: Realmente, a idéia de Portugal vai deitando raízes no coração dos que nasceram, lá longe, sob a sua bandeira!

*

* *

Êste episódio, serviu, apenas, para confirmar a importância do velho Mamadu. Falta, porém, dizer, o que a constituía, o que a justificava, o que lhe outorgava foros de autenticidade. É simples. Mamadu Sissé não era, apenas, um antigo *régulo*, senhor de mais ou menos terras, de mais ou menos mulheres, de mais ou menos rezes no

seu país tropical, sulcado de rios e vestido de selvas densas. Era, também, um velho soldado de Portugal, valente, fiel, vitorioso. Porisso, na sua farda esquipática, se pregavam os galões doirados de tenente.

A sua história conta-se entre duas penadas. Durante dois anos, Mamadu serviu, como auxiliar, sob as ordens do tenente-coronel António Maria, que fez, na Guiné, uma parte considerável da sua carreira militar. Certa vez, constou, sem que isso fôsse jàmais provado, que um aeroplano francês descera, forçadamente, na região do Jefunco, onde o velho *régulo* tinha os seus domínios. Foi, talvez, há três anos. Alvorôço nas *tabancas* dos felupes. E, como resultante do alvorôço, o rastilho da revolta, a deflagração, — o ataque. Provado, já, nas lides da guerra, Mamadu foi incumbido de dirigir 24 auxiliares e um pequeno grupo de nativos da região, integrados na coluna de que era comandante o capitão Jorge Velez Caroço, director dos Serviços e Negócios Indígenas da Guiné, auxiliado pelo administrador da Circunscrição Civil de Canchungo.

Organizada em Suzana, a coluna seguiu, a marchas forçadas, para a zona em que lavrava a rebelião e bateu tôda a mata de Bujêje, onde se haviam acoutado os indígenas inimigos.

Numa *lala*, espécie de planície pantanosa, quando mal se precatava, 1.500 felupes irromperam, como demónios, ululando e ameaçando a minguada hoste do Govêrno. Aquêle dia — berravam, por meio de intérpretes, os atacantes — seria o derradeiro para a coluna portuguesa.

Ante o número dos inimigos, não havia duas soluções à escolha. O comandante, convencido da impossibilidade de resistir com vantagem, ordenou o retrocesso, a-fim-de reclamar reforços. Êstes chegaram, um dia depois. E, então, com a energia que a situação recomendava, a tropa portuguesa, em que os auxiliares indígenas se destacavam, com Mamadu Sissé à frente, pela bravura e pela lealdade à Mãe-Pátria, dominou os rebeldes, pacificando a região agitada. Cinco golpes de azagaia marcaram, nessa campanha, o corpo alto e viril do velho *régulo* mandinga. Nenhum, porém, era de conseqüências graves. Do lado dos soldados do Govêrno, os mortos não haviam passado de 17. Os felupes revoltados contavam, entretanto, mais de 300 vítimas.

Mas, a fôlha de serviços de Mamadu Sissé acusa, ainda, outros feitos notáveis. Antes de 1908, a campanha do Oio teve-o como combatente esforçado. E, nesse ano, a sua bravura manifestou-se, também, nas campanhas contra os *régulos* Boncó e Infali Sonco e contra os papeis de Bissau. Mais tarde, em 1913, bateu-se contra os balantas de Mansoa e contra os mandingas de Oio. Em 1914, foi um soldado valoroso na repressão da revolta dos manjacos e dos balantas. Contra os papeis de Bissau voltou a combater, em 1915. E, em 1917, os bijagós foram os inimigos da soberania portuguesa que, como servidor e amigo da causa da civilização, teve de atacar e venceu.

O pôsto de alferes de segunda linha foi-lhe concedido em 1914, após a cam-

panha contra os rebeldes manjacos e balantas. Em 1917, ascendia ao de tenente, entre a atmosfera da maior admiração que os seus irmãos de raça lhe formavam em tôrno.

*

* *

É grande e justificada a admiração de Mamadu Sissé pelos portugueses. Nunca viu, — êle o afirmou, em conversa, na sua *tabanca* decorativa da Exposição — um governador tão valente e de tanta resistência como o major Carvalho Viegas, que governa, actualmente, a Guiné. Enérgico e disciplinado, êste oficial soube conquistar a admiração e a estima dos nativos que o servem, servindo Portugal. Quando vestia o seu fardamento de guerra, com o capacete estrambótico que lhe dava um ar de petiz descomunal a brincar às guerras, o velho Mamadu revestia uma solenidade que o seu barrete vermelho e amassado na copa, paramento dos dias vulgares, não permitia. Meio africana, meio europeia, meio gentílica, meio civilizada, essa farda, branca e avivada de amarelo, era a indumentária oficial do velho guerreiro de barbicha que começava a pintar. A espada que lhe pendia do boldrié era, também, imponente, marcial, vistosa. Porisso, quando qualquer indígena ultramarino — não falo, já, dos metropolitanos... — se cruzava com o tenente preto, a deambular pelo parque, o primeiro, o mais insistente, o mais absorvente de todos os olhares tinha por alvo o sabre, mancha esguia a alastrar pela brancura das vestes militares...

Outras vezes, habitualmente, Mamadu pavoneava-se, magnífico e bizarro como um sultão entre os eloendros do seu pátio moirisco, envolto no *sabador-baraya*, uma espécie de pesada túnica com larga cópia de arabescos bordados a matiz. Metido nesta preciosidade ondulante que faìscava ao Sol, Mamadu era outro. O maometano, o oriental, o senhor reviviam nele. E, então, mesureiro e gentil para os grandes que o saùdavam, altivo e desdenhoso para a turba que o frechava com olhares de pasmo indígena, dir-se-ia que Mamadu Sissé era um *negus* em viagem de recreio, um rajá, um imperador de exótico país pompeando o Oriente neste recanto do Sudoeste da Europa.

*

* *

Os dois filhos, Abdulai e Malik, eram motivos legítimos do orgulho do velho Mamadu. Mussulmanos de crença, como o pai, pautavam a existência, nos seus mais insignificantes pormenores, pelos cânones severos que Mafoma estabeleceu e são seguidos, também, por uma parte considerável dos nativos da Guiné, fiel tributária da religiosidade arábica.

O segundo, mais apagado, mais modesto, mais simples, perdia-se entre o fluxo e o refluxo dos visitantes do certame. Mal se dava fé da sua existência, do seu fato

branco de cotim, do seu chapéu de palha à europeia, do seu ar de *calcinhas* deslumbrado entre o ruído e os ouropeis da Metrópole. O primeiro, porém, salientava-se, impunha-se à observação de todos; era, mesmo, um dos *ex-libris* humanos da Exposição, ao lado da Rosinha, do pequeno Augusto, doutras figuras categorizadas do exotismo em exibição. Êste rapaz alto e amaneirado, que vestia, habitualmente, de branco e falava português com a desenvoltura dum metropolitano, tinha uma ambição: casar com uma branca. Mais do que as suas terras úberes de mancarra e de cola, mais do que a vida civilizada de Bolama, mais do que todas as delícias que a Guiné pudesse proporcionar aos seus desejos de rico primogénito de potentado negro (quando tinha de escrever o seu nome, nunca a honrosa qualidade de *príncipe* deixava de o preceder), preocupava-o a ambição de levar para a terra natal, como elemento mais precioso da sua bagagem, uma rapariga de epiderme aleitada, capaz de o brindar com uma ranchada de mulatinhos gárrulos e brincalhões...

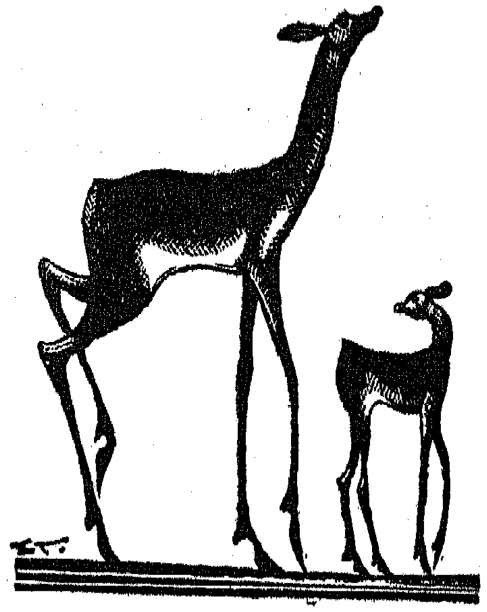
A-final, se muitas brancas olharam, pecaminosamente, êsse preto esbelto que as rentou, nenhuma quis ir partilhar o tâlamo de Abdulai ou — o que é, talvez, mais certo — nenhuma êle quis levar. E, como, nas terras em que Mamadu é senhor incontestado, não há, já, princesas negras de sangue bastante azul para poder misturar-se com o de Abdulai, o moço príncipe terá de esperar que dalgum reino africano lhe vá, um dia, a consorte real ou, então, que uma branca da Metrópole se decida a aceitar a corôa que o nobre moço lhe oferece, juntamente, com manadas de bois e vacas, vastos campos de *mancarra* e uma vida desafogada e feliz entre a placidez e a grandeza do sertão...

*

* *

Estimado pelos brancos, a quem confiou a educação dos filhos, Mamadu Sissé é um preto feliz. Passou o tempo das guerras, é certo. Não há, já, felupes ou manjacos rebeldes para subjugar. Todavia, se lhe requisitarem o braço prestigioso, que tem fama nas terras da Guiné, Mamadu não o recusará; será, mesmo, o primeiro a oferecê-lo. E, agora, enquanto a paz vai pendulando a vida dos seus domínios, o velho *régulo* desfia, pela calma sorna das tardes, o novelo das narrativas que a sua viagem à Metrópole foi dobando. Juntam-se os *régulos* doutras terras, com mulheres e filhos e comitivas fartas. Acorrem os marabutos, desdenhosos das virtudes e do progresso de que se ufanam os europeus. Vai gente de longe, em caravanas, com presentes para o preto ilustre que os brancos de Portugal amimaram e honraram. E todos ouvem, deslumbrados, uma pontinha de descrença nas pupilas atónitas, as palavras de Mamadu, que esplendem e obumbram como fogos de Bengala, criando maravilhas, encantos, coisas de espantar...

...A esta hora, deve estar contando, a barbicha trémula recamada de prata, um gesto lento a sublinhar cada palavra, como foi que, em certa tarde, uns senhores da Espanha lhe prenderam no peito a medalha da cidade de Vigo, honra que muitos brancos, portugueses ou espanhois, ambicionariam possuir e que êle, simples *régulo* da Guiné, tem, ali, ao alcance dos olhos de tôda a gente,—para que todos possam ver e pasmar... E os *bombolons* devem levar ao *chão* mais longínquo o eco da façanha gloriosa.



«Fulo»

(Desenho de Augusto—Guine, 1935)

SONATA

O campo está coalhado de gente, porque as chuvas já começaram, e agora é que é aproveitar a terra mole e meter-lhe o comprido arado que êles empunham com vigôr, a abrir sulcos, a atirar terra, acamando-a ora dum lado, ora doutro. À tardinha, finda a lide, mansos como bois, regressam às tabancas com a ferramenta ao ombro. Em fila indiana seguem ao longo do caminho estreito e sinuoso da mata, com curvas bizarras a contornar os mais insignificantes obstáculos, que a indolência manda para ali deixar em prejuízo da distância a percorrer. Enquanto dura o caminho, vão êles falando das chuvas que êste ano parecem escassas e tardias; do arroz que sem as «bolanhas» bem cheínhas de água não poderá vingar. À passarada dirigem pragas e injúrias. Essa passarada maldita parece aumentar dia a dia, só para ralar a paciência a quem trabalha! Um dêles lembra o que ouviu dizer a um mandinga, sábio em compôr «mesinhos», para afugentar a passarada. Logo outros atalham que se não fie em trapaças de mandingas, uns intrujões sem vergonha, que o próprio Comandante os estava perseguindo, pois êsses diabos não querem trabalhar e vivem só de rezas e jejuns.

Uma vez chegados à tabanca, tratam de limpar a lama agarrada à lâmina dos arados. Então, acocorados no chão, em esteiras, ou sentados em tripeças de pau-sangue, tratam de aplacar o calor com repetidas goladas de vinho de palma, até que os «bulís» quedem vasios e as cabeças entonteçam.

No campo ficaram as mulheres. Cabe-lhes o trabalho de semear. Com o arroz em largos cabaços, assumindo descuidosas atitudes de Tanagra, passeiam os camalhões em todo o comprimento. Os pés num gesto hábil, abrem e fecham as covas onde é depositado o arroz. Depois de tudo semeado, regressam a casa, e sentadas à entrada das palhotas, tiram os filhos das costas onde êles passam o dia encavalitados e pousando-os no regaço, estendem-lhes os seios elásticos, como passadores de café ennegrecidos pelo uso.

Cabe, agora, a vez à passarada: um bando de pardais amarelos, dum amarelo torrado, cabeças negras e olhos côr de sangue, poisa barulhento e logo se movimenta saltitando. Debica aqui, debica acolá, avança campos fora desorde-

nado, como um exército vitorioso saqueando uma cidade. Vêm chegando as rôlas, que, enquanto os indígenas se entregam à faina rude da lavoira, aguardam impacientes e sôfregas, na ramaria das árvores próximas, o momento asado de desferir vôo para poisar planando em demanda do cobiçado trigo.

Ali, juntas, encontram-se todas as variedades. São as grandes, de penas escuras côr de chocolate, a esbater-se para o pescôço em amenas colorações de cinzento, até chegar à cabeça em tonalidades azulíneas muito leves, de céu sereno. Olhitos pretos e pequenos emprestam-lhes, de tão brilhantes que são, vivacidade e graça de bambinos irrequietos.

Lá deambulam também em busca de sementes com que encher o papo airoso, mais pequenas que as outras, as de gola negra e de corpo cinzento claro. São tantas, tantas, que juncam o chão cobrindo enorme superfície. Absortas em seu trabalho azougado, não dão conta do que se passa em redor. Graciosas e gentis, as mais pequeninas, aquelas a que pelo hábito de andarem à beira das estradas zigzagueando em procura de sustento, os indígenas denominam «pombas do caminho». Essas, são de côr de café com leite, e nas asas têm quatro ou cinco penas azúis, dum azul metálico, brilhante. O bico, avermelhado, é frágil, delicado. A cabeça muito bem torneada é dum cinzento azulado, e nela se destaca a negridão dos olhos, vermelhos nos machos.

Entre o capim, em corridinhas ligeiras, para aqui, para acolá, ôlho atento, cabeça leviana voltada aos quatro ventos, avançam as perdizes, gôrdas e roliças de tão bem comidas que andam neste tempo. Certificadas de que o campo está tomado de passarada, lançam-se resolutas a saltitar de rêgo em rêgo, e pára aqui, pára acolá, esgravatam, destras e impertigadas, a terra donde sai o saboroso grão. Agora, vêm chegando os pombos bravos, magníficos de porte, penas côr de cinza clara, asas castanhas mosqueadas de branco; olhos pretos muito espertos, ladeados de vermelhão. Vêm das palmeiras onde têm seus ninhos ou então das árvores altíssimas, que são seu poiso predilecto. Descem descrevendo círculos, até que tocam o chão, soberbos e altaneiros, olhando em redor, para depois começarem na faina de procurar o arroz escondido na terra.

O céu começa a toldar-se de nuvens escuras que avançam num cavalgar ciclópico. O sol já próximo ao ocaso ainda tenta, num supremo arranque, dominar a nódoa que o afronta. E, então, convocadas as suas fôrças de Sansão moribundo, despede enérgico, num último alento, seus raios fulgentes que abrazam as nuvens invasoras, reflectindo sôbre a terra todas as côres do incêndio pavoroso que as devora. — Tinge-se tudo de vermelho; tudo que se ergue acima do solo está ensangüentado. Ensangüentadas estão as palmeiras esguias com a sua guedelha revôlta, largada ao vento em desatino. Os troncos das árvores parecem tentáculos dum gigantesco polvo rubro, que, ferido, o retorcesse no ar em

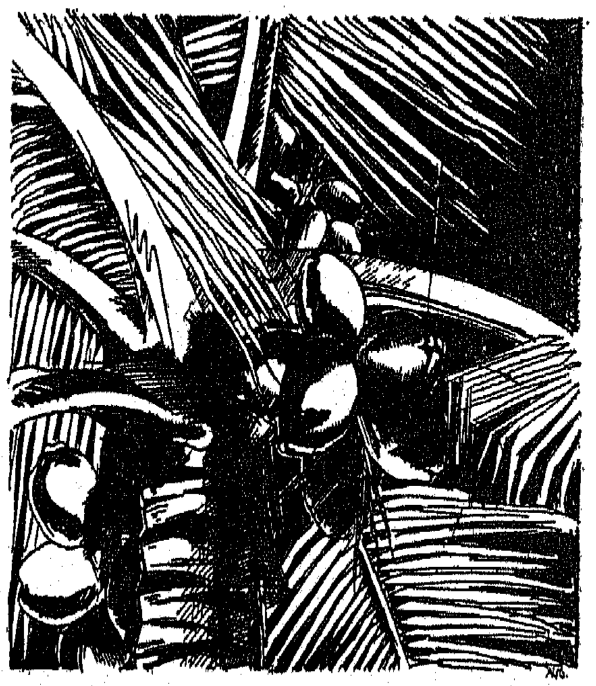
fúrias alucinadas. As árvores mortas, essas, ressequidas, nuas, sem fôlhas, com os braços descarnados erguidos em súplica, parecem grandes ramos de coral... Mas as nuvens avançam, avançam, e o sol sempre heróico sustenta a batalha perdida até cair exangue no mar ao longe.

A passarada vôa espavorida a procurar abrigo nos seus ninhos construídos na densa ramaria protectora das árvores. Passa no céu, voando, a grande altura, um bando de garças brancas, indiferentes e serenas, sem desarranjar a formatura em V, inabaláveis e seguras da sua trajectória, como quem cumpre um destino.

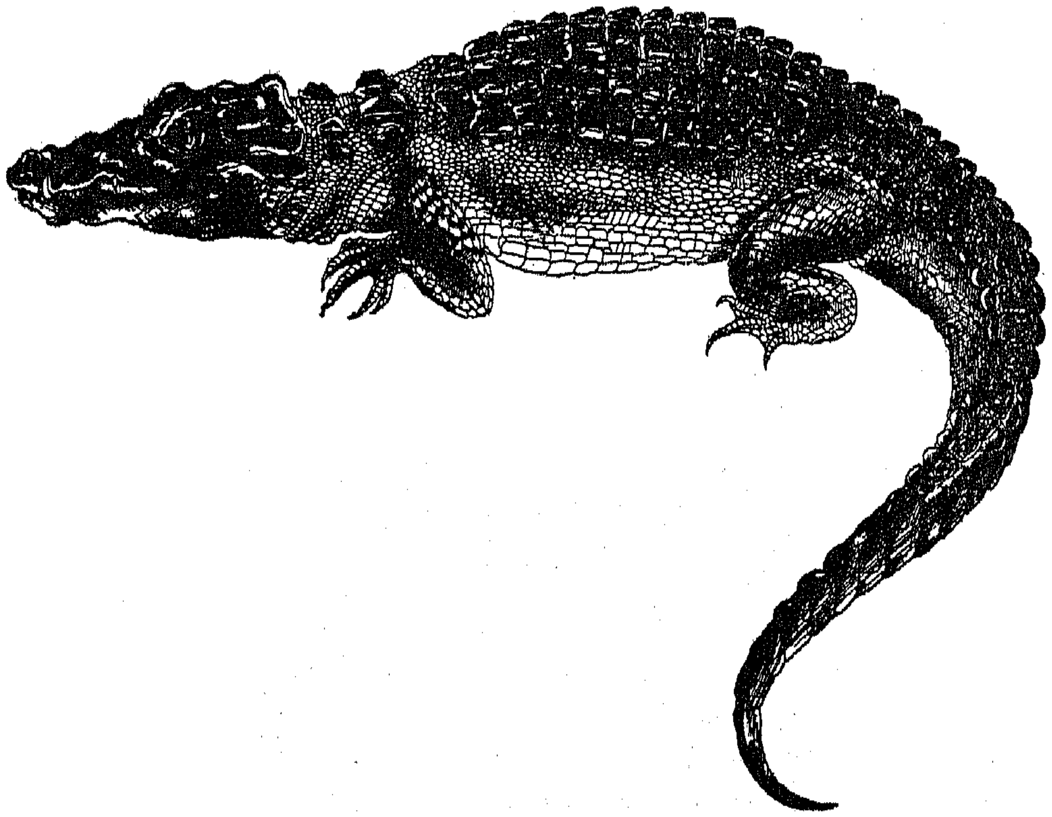
Passam, aos casais, enormes patos ferrões, pesados no seu vôo, farfalhoso. Vôam bandos de patos mandarins, a assobiar, aflitos com mêdo do tornado. Os crocodilos, que antes dormitavam, preguiçosos, sob a carícia do sol, acordam e devagar, chap-chap pelo lôdo fedento, desaparecem, ligeiros, nas águas verdosas do rio.

O vento avassala os campos e verga as árvores da mata, esgalhando-as impiedosamente. Riscam o céu ennegrecido, coriscos cintilantes e medonhos que, enquanto acesos, dão às nuvens tonalidades de aço novo.

A chuva começa a cair desabaladamente, e as enxurradas arrastam o precioso humus das matas, para o depositar, finalmente, nas «bolanhas», onde vai fecundar o arroz.



A U G U S T O



ENTRE NALUS E FUTA-FULAS

I — OS HOMENS LEOPARDOS

Do «*Diário de Notícias*» de 12-3-936.

«Monrovia (Libéria), 11 — No distrito de Grand Cape Mountain, lavra uma intensa onda de terror e a população vive alarmada, em conseqüência de uma seita tenebrosa denominada «Homens Leopardos», cujos membros usam como vestuário uma pele de leopardo, raptarem mulheres e crianças, que imolam ao seu culto religioso, sugando-lhes o sangue. — United Press».

*
* *

Do livro de Landerset Simões — «*Babel Negra*» :

«*O machol* — Tendo praticado a antropofagia, dizem ter abandonado tão abominável uso há quási um século. No entanto, têm-se verificado alguns casos, mesmo em nossos dias.

O povo *nalu*, rodeava a iniciação e prática da antropofagia de ritual tão estranho e diabólico que cremos — muito embora os *velhos* o repudiem energicamente — ser o *Machol* a divindade que preside à cerimónia canibalesca.

Seria exactamente difícil, senão impossível, investigar o papel exacto dêste ídolo.

Os cuidados de que rodeiam a sua festa, pondo em perigo a vida de quem tente devassá-la, impedem uma descrição real do que será êsse pantagruélico festim, onde hoje, ou em tempos não remotos, os rapazes se iniciavam no esquisito manjar da carne humana.

Diz-se até que essa iniciação, dando-lhes entrada na seita, os obrigava ao fornecimento da vítima a imolar no ano imediato e que era, via de regra, um filho. Entregue ao feiticeiro *(Babêsse)*, em sua própria casa eram cozinhados os alimentos para o infernal repasto; e quando a orgia tinha atingido um grau de quási epilepsia, ao rufar louco dos tambores da festa, olhos faiscantes, corpos rubros, contorcionando-se em atitudes selváticas, mais monstros que homens, a carne humana rechinava na fogueira, para satisfação cruenta e bárbara da féra»...

* * *

Mão amiga trouxe-me um velho processo, levantado em 1921 pelo então Administrador da Circunscrição Civil de Cacine (Guiné) sr. Vasconcelos da Fonseca, relativo a uma seita, também de «Homens Leopardos», na região dos *Nalus*, o que prova que a acção dos «Leopardos» devia ter carácter religioso e não se limitar a uma região da Libéria.

Trata-se de um processo autêntico, através do qual se vê em pormenores como eram feitas as iniciações, os festins, e... como eram fornecidas as *reses* para o *matadouro*...

Escusado será dizer que a acção enérgica das autoridades portuguesas estirpou ràpidamente o tumôr maligno que infectava a região. Maspiche Sambu foi abatido a tiro lutando com os cipaios que foram encarregados da sua captura e todos os outros membros da seita, condenados à pena máxima e desterrados para Angola.

Organização

Tinha a seita por chefe um tal Maspiche Sambu, homem um tanto misterioso que só aparecia para presidir aos festins, andava completamente coberto de peles de onça, vivia numa cova como as onças, e como as onças ainda, só saía de noite.

Seguiam-se-lhe imediatamente em hierarquia, Iominque, Ionglisse e Lábôndji com funções sacerdotais, pois eram êles que faziam as inicia-

ções e quem, também vestidos com peles de onça, iam de noite buscar as vítimas, vibrando-lhes, logo, com facas, os golpes rituais.

Havia ainda os auxiliares dêstes, e por fim os iniciados na seita, homens e mulheres, sendo destas a mais entusiasta Bó Cassâma.

E é até curioso, que foi por intermédio das mulheres a quem foi apresentado o «*mancóli*» pelo régulo da região, que se apanhou o fio da meada.

Depoimento de Massumárìè: «...Disse ainda, que a confissão das duas mulheres se deve a ter-se-lhe apresentado «*mancóli*» a beber (líquido que, segundo a crença dos Nalus, tem o poder de descobrir criminosos, depois de bebido, pois que o inocente vomita-o e o criminoso morre); que então o régulo de Cabdú...».

Iniciação

A iniciação era feita pelos três sacerdotes (?)

Depois de conseguirem meter-se na intimidade de uma família convidavam homens e mulheres para irem ao mato beber vinho de palma. Uma vez aí ofereciam-lhe uma refeição que já encontravam cozinhada.

Àqueles que aceitavam, no fim do repasto diziam-lhes que tinham comido carne humana e perguntavam-lhes se tinham gostado.

Alguns, sentindo repugnância, fugiam e nunca mais aceitavam tal convite.

Outros, ou por fraqueza, ou porque tinham gostado (dizem os antropófagos que a carne humana é deliciosa e o melhor «*pitéu*» é um bife do hombro e ainda que a carne de preto é muito melhor que a de branco, pois a nossa amarga) voltavam a novo repasto e contraíam então desde êsse momento para com a seita, obrigações sagradas que consistiam sobretudo em fornecer, num futuro próximo ou longínquo, uma pessoa da sua família para o matadouro...

Mas, porque com os adultos não conseguiam grande «*freguesia*», ou porque estes, educados fora dêsses bárbaros ritos sentiam uma real repugnância pela antropofagia, ou por mêdo das autoridades, começaram a iniciar crianças.

Estas, que em geral são hipoalimentadas, aceitavam com prazer as refeições que os «Leopardos» lhes ofereciam, e com o tempo iam-se tornando antropófagos convictos.

Claro que iam contraíndo para com a seita o compromisso de lhe fornecer, no momento propício, uma rês... da família.

Mas, caso curioso. Nunca a vítima era imolada sem autorização expressa do iniciado.

Aparece no processo o caso de uma pequenita de cinco anos não querer consentir que lhe comessem a mãe, e esta ter sido poupada até autorização da própria filha.

Uma vez dentro da seita, todos os associados tomavam o compromisso solene de guardar o mais absoluto segrêdo.

Depoimento de Pancuré Camará: «Que em data que não pode precisar, Làbôndji disse-lhe que fôssem para o mato para o ensinar a vestir pele de onça e apanhar gente; ...que mais tarde o convidou para ir beber vinho de palma no mato, o que aceitou; que chegados ao local, Làbôndji deu-lhe carne cozida para comer o que não aceitou por desconfiar que era carne humana; que depois subiu à palmeira levando uma garrafa que encheu de vinho de palma; que tendo notado que o vinho tinha côr de sangue, desculpou-se dizendo que não o queria por estar muito fermentado; ...que ela, testemunha, julga que era de Samane a carne que Làbôndji lhe apresentara; que êste convidou-o mais uma vez para irem ao mato beber vinho mas que não aceitou, pelo que Làbôndji, Iominique, Ionglisse e Singal, vestindo pele de onça, quizeram assassinar uma noite a ela testemunha que ficou ferida no pé esquerdo, onde foi agredida; ...que foi seu tio, sua mãe e mais pessoas que o livraram de ser assassinado...»

Depoimento de Santomóné Cassãma. «...que Bó Cassãma, Umbugur Bocuáne estavam presentes quando levaram Tchapôte; que Bocuáne consentiu por fim que assassinassem sua mãe Tchapôte, porque foi obrigada a isso por Maspiche Sambú que, em tempos, lhe dera carne humana a comer, exigindo-lhe depois a dita sua mãe...»

Depoimento de Málã Sambú. «...que foi Bó Cassãma quem autorizou Ionglisse a matar sua filha que depois comeu com os seus companheiros; que ela, testemunha, preguntou a Bó Cassãma porque consentiu no assassínio de sua filha, obtendo por resposta que Ionglisse é que lha exigiu como pagamento da carne humana que lhe dera quando ela Bó Cassãma era criança;...

Fornecimento das reses

Pelos depoimentos que transcrevi atrás, faz-se já uma idéia da forma como era concedida a *matéria prima.*

Quem tivesse comido carne humana tinha que fornecer uma pessoa de família para ser comida. Mas a vítima só era imolada como já disse depois da autorização expressa de quem a fornecia.

Claro que, fàcilmente se depreende, muitas vezes esta autorização era arrancada sob ameaças terríveis.

Nunca um membro da seita era comido pelos outros.

Às mulheres, era exigido de preferência o primeiro filho tenrinho como um leitão, a não ser que faltasse a carne, porque então servia até a mãe embora velha e dura — carne de terceira...

Festins

Não conseguiram os inquiridores saber promenores sôbre o ritual dos festins.

Soube-se apenas que a carne era em geral cozinhada com arroz e a refeição a que presidia o chefe da seita completamente coberto de peles de onça, regada a vinho de palma, muitas vezes misturado com o sangue da vítima.

Que se realizavam de noite e o oferente da carne tomava quási sempre parte nêle. Que, para cozinhar, só eram utilizadas algumas partes do corpo da vítima, e a cabeça era quási sempre separada do corpo e abandonada.

Quer dizer: os nossos «homens onças», eram exigentes na cozinha, e detestavam a orelheira de porco...

II — CACUMBA[1]

O acampamento era amplo, de bom gôsto, e com largos terreiros.

Estava em pé, desde que uma missão nossa ali se demorara num trabalho de rectificação de fronteiras.

O Governador com a sua comitiva, tinha chegado à tarde e encontrara um mar de «tchócô», «quetem», turbantes, albornozes brancos e negros, e a mescla das côres garridas dos panos e lenços das mulheres de àquém e além fronteiras, pois o «bombôlon», a tempo, comunicara de muito longe a hora provável da chegada.

Festa rija. Batuques de fazer estremecer a terra. Há tambores «tan-tan-baus», «cutilôs», «Korás».

Vêm os Chefes e Grandezas para os cumprimentos da praxe. Faz-se a roda nobre e pouco depois as danças começam.

Quilos de kola — atirada às mãos cheias e agarrada numa confusão de garotos apanhando moedas — aumentam o entusiasmo.

Daí a pouco começa a kola produzindo efeito sôbre os nervos de tôda aquela multidão.

A excitação é crescente.

Os tambores batem com mais fôrça e os bailarinos deixam-se tomar de epilepsia.

É um sapateado frenético, um magico contorcionismo...

As côres dos lenços das mulheres, sobretudo as que vieram dos lados do Futa Djalon, à luz do sol morrente em fogo, desmaiam à medida que os corpos se transformam em sombras, se imaterializam.

O «ímóssô» canta em sólo, e as mulheres acompanham-no como na canção dos casamentos. Nós trazemos a alegria. *(Médem ondi uil tárê).*

---

(1) É a história romanceada de uma mulher que existe.

Salienta-se uma futa fula, tipo de cigana magiar, que dança em requebros dengosos, olhando os brancos com um olhar lânguido, longo e úmido.

Mais umas mãos-cheias de kola, desbaratam a feira e fazem interromper os bailados.

Anoitece ràpidamente. Acendem-se lanternas, lampeões e archotes.

A cigana desaparece, os batuques emudecem. Prepara-se a arena para a luta, em silêncio e com disciplina na formação da roda.

Os lutadores despem-se e vão acocorar-se junto de parentes, amigos ou amantes.

Agora um levanta-se, dá uns saltos de acrobata e pára em frente de outro apanhando do chão um punhado de terra.

É o desafio aceite quási sempre.

Mas por enquanto, trata-se de principiantes, rapazes novos que ainda não têm cartel.

Vêm depois os *meio-pesados*, depois os *pesados* e por fim os campeões.

Contra o costume os combates sucedem-se rápidos, e com que nobreza e lealdade lutam estes homens a que nós chamamos selvagens...

Não há a mais leve tentativa de empregar um golpe proíbido, e o vencedor é aclamado até pelo vencido.

Chega agora Mamadu Injai. Há uns momentos de curiosidade enquanto êle se despe vagarosamente.

É o campeão incontestado de 20 léguas em redor.

Entra na arena, cumprimenta e lança o desafio, mas, ninguém sai a terreiro.

Olha em volta lentamente à procura de olhos que se levantem para os seus, mas ninguém aceita o desafio.

Minutos passam e Mamadu, músculos de gladiador, de pés bem fincados no chão e braços cruzados sôbre o peito, olha como um dominador.

Torna-se tão grande como a sua sombra que a luz dum archote alonga pelo chão fora...

Depois diz qualquer coisa em fula e desafia — dois contra um —.

Nem assim lhe aceitam o desafio. Atravessa a arena com um porte altivo e quási à saída, volta a cabeça para trás, encolhe os hombros desdenhosamente, levanta dois dedos no ar, espera um momento e começa a vestir o albornoz, debaixo das pregas do qual desaparecem os seus músculos de aço, se esconde modestamente uma coragem de lutador antigo.

Faz lembrar o final do conto de Garcia Calderon — Combate de Galos — em que o triunfador não tendo mais com quem bater-se, lança um desolado — *Já não há valentes na terra* —.

. . . .

O jantar está a terminar. Já o Müm doira as taças com reflexos irisados.

Lá fora os judeus, nos tambores, cadenciam o batuque que ao longe não tem fim.

Ouvem-se os gritos dos lutadores que vencem.

Há perto acordes suaves de *Korá*...

Mas tudo isso deixou de interessar, pois Calumba deve chegar de um momento para o outro.

A sua história, ou melhor o romance da sua vida, assunto da conversa durante o jantar, fez nascer em todos o desejo, muito humano, muito masculino, de conhecer essa mulher rara, essa outra Salumita que a nenhuma fôrça humana dobrou, nem a quem nenhuma tirania conseguiu abafar os gritos de ódio e amor.

O seu amor, que morreu por ela quando corria a libertá-la...

À porta da barraca, na penumbra da noite mal iluminada, duas silhuetas de mulher surgem hesitantes.

Uma torna a sair, a outra avança com decisão, grácil, coleante, pisando com segurança, em ritmo harmonioso. Vê-se que é uma fidalga da sua raça. Usa nos frontais a marca de distinção da tríbu.

Dirige-se para aquele que de antemão sabia vir encontrar, lançando com desenvoltura e com ar de quem se sente em segurança, o seu *djâme ir* — (Boa noite).

É a autoridade local quem faz as apresentações.

Uma reverência respeitosa diante da primeira autoridade da Colónia e apertos de mão afectuosos em roda.

Sente que a olham com curiosidade. Corresponde com um sorriso, tudo o que pode dar, porque não compreende uma única palavra, em outra língua que não seja a sua.

Dizem-lhe que é bemvinda e todos ardiam em desejos de a conhecer.

Agradece num aceno de cabeça e pede para transmitir, que sente uma profunda gratidão pelos brancos portugueses, pois deles só tem recebido protecção e carinho.

Percebe-se que Calumba diz o que sente, aprecia a companhia dos brancos, que lhes quer bem e junto deles se sente em segurança.

Aceita a taça que lhe estendem, mas, sem lhe tocar com os lábios, põe-na em cima da mesa e protege-a com as mãos em ogiva.

Dizem-lhe que os brancos gostariam de ouvir a sua história.

Ela limita-se a pedir um intérprete.

O seu olhar meigo de tristeza, profundo como a noite insondável, virado para o Além como que em busca do bem amado, toma agora reflexos metálicos.

A frente endurece-se-lhe, e da bôca rubra, muito rubra, de lábios delgados e dentes alvíssimos, sai a sua história, cantada no melodioso dialecto *fula*, a que Deniker chamou, o italiano de África:

— «Um dia, os avós dos avós dos meus avós, chefes poderosos e honrados, descendentes directos dos que vieram de Tôr (Sinaï), e para quem *a vergonha e a charrua ainda entravam na tenda ao mesmo tempo*, foram convidados pelos chefes do Futa Djalon, para a festa do Ramadan.

Tinham boas relações de vizinhos e por isso para lá partiram descuidosos, com cavalos, «sófas» e adornos, sem armas nem precauções.

Mas, em tão má hora o fizeram, que, vítimas de traição, ficaram prisioneiros por não terem querido sujeitar-se a imposições de quem, nem pela Raça, nem pela Religião, lhas podia fazer.

Sofreram o cativeiro com dignidade e altivez, certos como estavam de que os seus, em pé de guerra, iriam libertá-los.

Porém quando chegou a eminência da guerra, os homens do Futa Djalon, que traiçoeiramente prenderam, para escravisar, homens desarmados, covardemente os puseram em liberdade.

Meus avós voltaram, mas o ódio ficou.

Esta pulseira de prata, em forma de algema, que usamos com orgulho, no tornozelo, eu e os da minha raça, é um estigma da felonia de que meus avós foram vítimas.

Tem um pequenino guiso que só pode ser ouvido por quem o traz, mas que basta, para que nos lembremos que cada um dos nossos passos deve ser dirigido sempre no caminho de não esquecer nem perdoar...

Cala-se Cacumba e assim fica uns instantes com as mãos apertadas uma contra a outra. Depois continua...

— Cem vezes foi lançada a semente à terra e cem vezes frutificou o milho.

Cansaram muitas vezes os terrenos de semeadura, mas nos filhos dos filhos dos filhos de meus avós, nunca cansou o ódio.

E um dia, já Amamy H'úmaru e seu filho tinham vencido os «sonikeses» em Sam Corlá e Cam Salá, iam os chefes do Futa Djalon, em brilhante cavalgada, com judeus à frente tocando, cavalos ajaëzados com peitorais de prata, «sófas» e criados, mulheres e escravos, armas brilhando ao sol e punhais à cinta, para a mesquita de Cambór.

Acompanhava o Patriarca, sua filha, a luz dos seus olhos, linda como *um bico de lacre*, airosa como uma gazela de *lála*, que cavalgava com graça e donaire.

E, ou porque não o sabiam, ou porque queriam mostrar aos meus que não os temiam, atravessaram terras do nosso *chão*.

Soara a hora da vingança, esperada pacientemente, com fé em Allah, por várias gerações...

A luta foi renhida. Os nossos inimigos, defendiam além da honra e da vida, as suas mulheres...

Morto o Patriarca, a filha ficou em poder dos nossos, e foi escravizada, e foi humilhada, e foi dada como mulher ao último dos judeus.

As palavras saem da bôca de Cacumba, escaldantes, candentes...

— Depois, deram-lhe a liberdade, já que os seus cavaleiros não vieram libertá-la pela guerra.

Podiam meus avós, desde êsse dia, dormir eternamente um sôno tranqüilo na mansão de Allah.

Novas sementeiras são lançadas à terra e recolhidos os frutos.

Uma nova geração desponta, mas o ódio não envelhece, até que um dia... — Cacumba toma uma expressão dolorida, — chegou a minha vez...

Cala-se Cacumba e depois prossegue como que numa evocação:

— Iéro Baldé, uma noite em que vencera a lutar todos os homens que diante dele apanharam do chão a terra para o desafio, cantou-me ao *Korá*, cantares guerreiros que me entusiasmaram...

Dias depois, o *gorêdjo* levava-me a kóla e os francos.

Eu queria a Iéro tanto como à pulseira que trago no tornozelo.

Êle queria-me tanto como ao seu cavalo de guerra.

Foi a ambição que nos perdeu.

Iéro acalentava o sonho de ser um dia um grande chefe, poderoso, rico e respeitado, e uma tarde quando voltávamos de debaixo do *poilão* porque já ia aparecer a lua, confiou-me o seu segrêdo.

Iria ao Futa Djalon aprender a recitar os versículos de Alkorão.

Na volta, saberia tanto da lei de Mahomet, que o casamento se realizaria na sua própria casa.

E partiu.

Um profundo suspiro sai do peito de Cacumba e as lágrimas brincam-lhe nos olhos...

— Hora maldita em que o deixei partir, porque nunca mais aqueles braços fortes venceram homens, nem aqueles dedos ágeis dedilharam o *Korá* em minha honra, como naquela noite, hoje para mim já longínqua, em que pela primeira vez me falou de amor.

A êle mataram-no, quando corria a libertar-me, mas... (e Cacumba levanta a cabeça com orgulho e firmeza) l u t a n d o de um contra muitos.

A mim escravizaram-me, fizeram-me mulher de Mamadu Kanté, o representante das famílias de que me separa um ódio secular.

Cacumba soluça como uma criança e os que a ouvem guardam um silêncio respeitoso.

Daquela graciosa rapariga que há pouco entrara, cabeça erguida e ar senhoril, pouco resta.

É um pobre farrapo humano a quem remexeram uma ferida que ainda sangra...

Numa voz sumida, como num sôpro, o olhar distante através das lágrimas, continua Cacumba:

— Uma sementeira se fez mais e Iéro não tinha ainda voltado.

Mas, eu sabia que êle não se esquecera de mim. Sempre que vinha de lá um parente ou amigo, mandava-me pequenas coisas de que eu percebia a linguagem tão bem, como se fôssem palavras da sua bôca.

Até que um dia, um *mouro* me veio procurar «por parte do teu senhor», me disse, para que o acompanhasse, mas com o maior segrêdo.

Iéro depois me diria porquê.

Ora até êsse dia eu nunca experimentara a maldade dos homens...

Parti alegre como o sol do meio dia.

Saímos antes da madrugada e só parámos quando faltava pouco para o sol cair no mar.

A minha alegria era tanta que não sentia o cansaço.

Depois, era já ali naquela *tabanca* que Iéro esperava por mim...

Mas, quando eu o procurava, em vez dele apareceram-me homens de cara tapada pelos turbantes, que me amordaçaram, me ataram a um cavalo, me cobriram com um pano e me levaram para uma longa viagem, subindo sempre.

A raiva não me deixava sentir as dores do corpo, mas também me não deixava raciocinar claro.

Momento a momento ia vivendo num mundo cada vez mais distante, até que perdi os sentidos.

Quando voltei a mim, estava enclausurada numa casa, pequena mas luxuosa, com cama de barro amassado, esteira de côres e *rede* bem tecida.

Um e dois dias se passaram. Durante êles apenas vi um negro gigantesco que me levava a comida.

Muito devia êle temer o seu senhor, pois nem à fôrça de rógos, nem de promessas, consegui arrancar-lhe uma palavra.

Na manhã do terceiro dia foi o negro buscar-me, sempre mudo como uma árvore.

Acompanhei-o submissa até uma morança grande, onde estava, entre laranjeiras, a casa de Mamadu Kanté.

Êste, logo que se apanhou a sós comigo, lançou-me em rosto todo o seu ódio de família. Disse-me que ia fazer-me sua mulher e depois me daria a um judeu.

Quis possuir-me pela fôrça, brutalizando-me. Lutei, mordi, arranhei, gritei, e venci naquele dia.

Venci ainda no outro e no outro, mas que podia eu, uma fraca mulher, diante do chefe mais forte e poderoso do Futa Djalon?

Possuiu-me, dizendo-me palavras de amor, pedindo-me, suplicando-me que esquecesse o ódio que nos separava, pois o dele tinha-se transformado...

Quando êle me falou de amor, gritei desesperadamente pelo nome de Iéro Baldé, pedindo-lhe que me viesse libertar, êle o homem forte que nunca nenhum homem vencera na luta... como se fôsse possível ouvir-me.

A Kanté gritei então todo o odio sécular, que em mim se reacendera.

Êle deixou-me entre gargalhadas selvagens, e disse-me que chamasse por Iéro enquanto quisesse, porque êle já era pasto dos «jagodis».

Caí fulminada como se um raio me caísse em cima, e quando voltei a mim, só encontrei fôrças para chorar, só encontrei um desejo, morrer...

Se Iéro era morto, só me restava morrer também.

Cacumba faz uma longa pausa e como se estivesse fora da vida, continua:

— Soube depois, que Iéro cantara a minha beleza diante de Mamadu Kanté, com tanto entusiasmo, que êle mostrou desejos de me conhecer.

Riu-se Iéro e disse-lhe que não era fácil.

Que eu estava muito longe, em *chão* português.

Mamadu, um dia disfarçou-se em cameleiro, e veio aqui para me ver.

Soube a que família eu pertencia e pensou logo em me raptar por forma, que nem Iéro, nem os meus, me pudessem valer.

Esperou que Iéro regressasse e fez-me cruzar com êle no caminho.

Logo que aqui chegou e soube que eu partira para o Futa Djalon, Iéro compreendeu, como se Allah lhe tivesse iluminado o espírito.

Correu a libertar-me, mas, Mamadu Kanté que esperava isso mandou-lhe armar uma cilada.

Iéro habituado a vencer homens, lutou, mas eram muitos e foi vencido. Mataram-no.

A sua ambição de se fazer grande, por mim, levou-o ao Futa Djalon, e ali o seu amor, por mim, perdeu-nos a ambos.

Hoje, vivo para a sua memória, e há-de ser o filho de Mamadu Kanté, que nasceu de mim, quem há-de perpetuar o ódio que vem de séculos.

Há-de ser êle também, que em Kanté, ou nos filhos de Kanté, há-de vingar Iéro Baldé. Inch Allah!!!

O resto da história que a conte a autoridade branca, que tão boa foi sempre para mim, socorrendo-me e protegendo-me.

Acabara Cacumba e V..., o Administrador, começou por sua vez:

— Uma manhã, ao abrir a Secretaria, reparei que o largo em frente estava coalhado de homens e cavalos em pé de guerra.

Como não convocara ninguém, estranhei o facto, pelo que fui indagar a causa de tamanha concorrência, vendo já diante de mim um intrincado caso de justiça a resolver.

Informou-me um chefe, por forma respeitosa, mas com um certo nervosismo, que tinham levado Cacumba para o Futa Djalon, e êles vinham-me pedir licença para a irem buscar.

Era preciso evitar a todo o custo que levassem a sua resolução por diante, e para tal tomei o compromisso de tratar do caso com todo o interêsse, e se fôsse preciso, ir mesmo em pessoa, tratar dele junto da autoridade francesa.

Consegui assim que retirassem em boa ordem e pus-me em contacto com a autoridade vizinha.

Mas como se tratava de Mamadu Kanté, chefe de prestígio e com quem convém aos franceses manter boas relações, as negociações foram demoradas.

Por outro lado, como constasse a Mamadu que a gente de Cacumba tinha querido ir libertá-la pela guerra, desceu com os seus cavaleiros até próximo da fronteira, e dali lançou um desafio aos nossos.

Que Cacumba estava ali com êle e a fôssem buscar se pudessem.

Não sei bem o que se passou, ou melhor, oficialmente nunca soube o que se passou.

Sei só que Mamadu Kanté fugiu à rédea solta lá para os seus montes, e Cacumba voltou para a sua tríbu.

Tenho-a acarinhado e protegido, dando-lhe a garantia que ninguém a virá tirar da sombra da nossa bandeira.

Cacumba que depois de tantas emoções se sente em segurança, estima-nos sinceramente, e sente junto de nós aquele à-vontade que nela devem ter notado logo que chegou.

V..., homem já de idade, faz a Cacumba uma carícia paternal que ela paga com um sorriso bom.

O jantar terminara há muito, mas ninguém pensara em se afastar da mesa. O Governador levantando-se deu-o por findo.

Lá fora os batuques, os lutadores e judeus, continuavam no seu fadário.

O *Kóra* que tocara durante o jantar, aproximou-se mais por ordem do Administrador, e Cacumba depois de muito instada acedeu a dançar.

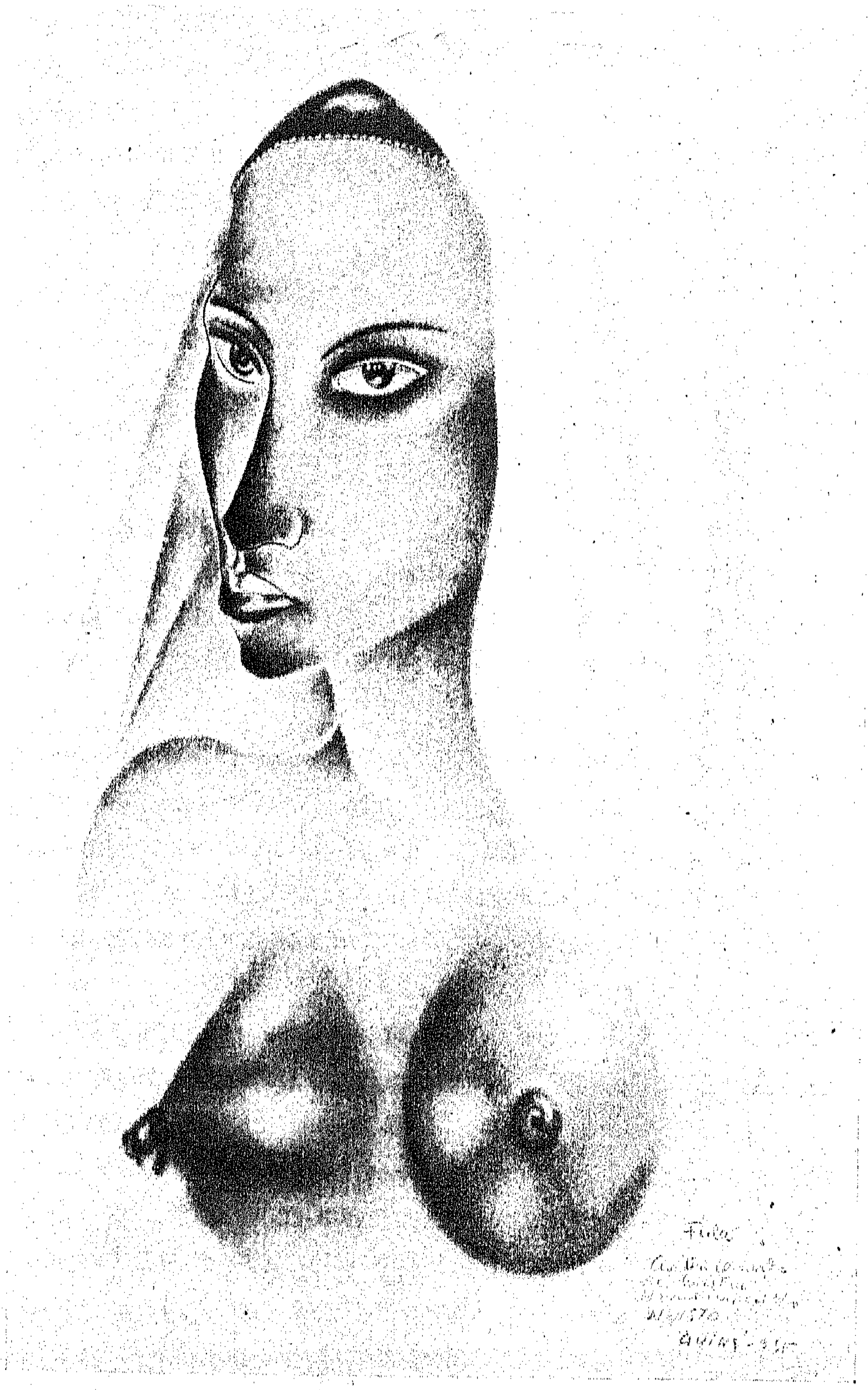
E como dançou ela!!!! Onde, além do instinto, teria ido buscar tal ritmo, tal graça??!!

Dançou incansàvelmente e todos estavam encantados.

Porém a noite ia alta e protocolarmente o Governador retirou-se, Deus sabe com que vontade... Ossos do ofício.

Os outros todos, os da comitiva, ficaram, e quási não repararam, quando nasceu o dia, porque só tinham olhos para Cacumba.

O S C A R   R U A S



«Fula»

(Desenho de Augusto – Guiné, 1935)

«Balanta»

(Desenho de Augusto — Guiné, 1935)

ALGUNS ASPECTOS
DO
«ETERNO FEMININO» NAS COLÓNIAS
(ESQUISSO ETHNOGRAPHICO)

(Excerpto duma conferência)
(Continuação)

. . . .

A tribu bijagó é o elemento ethnico mais inculto da Guiné e um dos mais primitivos póvos do mundo. Elles e ellas são fortemente entroncados, de pelle geralmente muito escura e com traços physionomicos irregulares e desagradaveis. Ellas, então, por via de regra, embora bem constituidas, são feiissimas, e para estranhar é nunca ninguem se têr lembrado de importar velhas bijagós para desmamar indêzes que revelam demasiada querença pêla chucha, pois decerto nem uma só creança branca haveria bastante corajosa para, vendo de perto uma d'aquellas avantêsmas, insistir ainda pela fonte alimentar sua preferida...

Assim como os homens, são as mulhéres bijagós muito dadas ao consumo immoderado d'esse forte inebriante que é o vinho de palma, bebida esta que os formosos, densos e extensissimos palmares existentes nas ilhas do archipélago lhes fornecem com bem pouco trabalho. Alimentam-se, ordinariamente, de: macacos, ratos, giboias, cães e laranjas. Possuem vaccas, cabras e gallinhas, mas só comem algum d'estes animais domésticos quando mórre de doença, ou quando algum teem de immolar em seus ritos funerários, e, então, nem sequér se dão ao trabalho de esfolar, ou de depennar, o animal que devóram!...

As suas habitações são palhotas maticadas com barro branco e, no interior d'algumas d'ellas, vêem-se, tôscamente desenhados nas parêdes, os contornos de hippopotanos, crocodilos, cães, elephantes, dançarinas e arvores. Tal é o «*home*», bem pouco... «*sweet*», do gentio bijagó que é, entre os póvos da Terra, um dos mais renitentes ao trabalho. Incultos, sem necessidades, vivendo em uma região paradisiaca, considéram, talvez com certo fundamento, que o trabalho é uma massada feita para... os «outros», para aquêlles a quem uma condição mais civilizada creou necessidades que, ao trabalho, os acorrentam. Mas, voltemos á mulher bijagó. N'algumas das ilhas,

o régulo é uma mulhér e, em todas ellas, impéra o regimen familiar da polyandria e do matriarchado: vivendo-se, portanto, alli n'um authentico «*reino das mulhéres*»... *Polyandria* é aquelle regimen matrimonial em que a mulhér é casada com diversos maridos, ou sêja: uma contra-partida da polygamia. *Matriarchado* é a organisação da familia sob a auctoridade da mãe e no regimen, mais seguro, de filiação pela mãe, nada importando a averiguação da paternidade que, de resto, n'este regimen polyandrico, se torna evidentemente impossível. O matriarchado é a contra-partida do regimen patriarchal. É a mulhér que, depois de têr angariado os bens bastantes á constituição da familia, e de têr arranjado palhota sua, trata, então, de ir colleccionando os maridos que lhe appetécem, algumas havendo que não se contentam com menos de meia duzia d'elles... Mas não invejem, as mulhéres civilisadas, estes reinados femininos das Bijagós, talvêz nascidos tão sómente, da fôrça das circunstancias, e não os invéjem, porque, se alli fôssem os homens a mandar, talvêz que a primeira cousa de que elles tratassem fôsse de mandar...... passeiar as suas consortes, indo buscar mulhér a outras tribus mais favorecidas no concernente á bellêza feminina... E não invéjem, principalmente, taes reinados, porque a mulhér civilizada usofrue aquellas prerogativas, mil vezes preferiveis, que são attributo dos reis constitucionaes, porque *reina* e não *govérna*. Se, em matéria de *govêrno*, ás mulhéres civilisadas, só incumbe o de suas casas, *reinam* ellas, d'algum módo, sobre o mundo inteiro que os homens govérnam *por ellas* e *para ellas*, sob influência de suas vontades, desêjos e suggestões. Entre nós civilisados, e até na mais democratica das républicas, é que se verifica o verdadeiro reinado das mulhéres, e não entre os indigenas das Bijagós. Dá-se mêsmo o caso de, quando alguma mulher civilisada invade a esphéra das attribuições masculinas de govêrno, podêr ella, talvez, passar a governar um partido, uma terra, ou uma instituicão, mas, de facto, deixa, então, de nos governar a nós homens para quem o eterno feminino constitue o sceptro inquebravel da unica realêza eterna. É que o feminismo é a propria antithese do feminino! Só há, no mundo, uma cousa peior do que uma *mulhér-homem* e que é um *homem-effeminado*!

Mas, se, tão sómente vestida de saiote e romeira de palha, e assim tão despida de eterno feminino, nos apparéce a fêmea bijagó, sentido parece não fazer que, aqui, a ella nos refiramos. Assim seria se não quizessemos, como querêmos, mostrar que nem a mais linda medalha seu revérso deiva de têr...

É tempo, porem, de abandonar a selvagem bijagó.

Embarquêmos, de nôvo, e soltêmos rumo para Bolâma. Vamos entrar no territorio da Guiné propriamente dita, cuja população indigena é uma authentica *mayonnaise* de tribus, umas das outras muito diferentes pelo *soma* e por seus usos e costumes. Não fallando de pequenas divisões tribaes, viuem, naquella pequena colónia: *felupes, baiotes, banhutos, cassangas, mancânhas, balantas, fulas-fôrros, fulas-prêtos, futafulas, mandingas, biafádas, nálús, sôssos, papeis, manjácos*, e *oinkas*.

São tão variaveis, de tribu para tribu, a plastica e a psychologia da nêgra da Guiné, e variam tanto seus usos e costumes, que nos limitaremos a apontar, ao acaso, apenas um ou outro traço mais saliente das mulhéres d'algumas tribus.

As *fulas-fôrras* são altas, delgadas, de têz acobreada, cabêlo levemente lanuginôso, nariz fino que quasi attinge o indice da leptorhinia, labios delgados, e grandes ólhos expressivos de forma amygdaloide. O seu traje é constituido por um panno de algodão branco que lhes chêga aos tornozêllos e por uma blusa muito ampla e desmangada. O penteiado, complicadissimo monumento capillar, é montado sôbre um esquelêto de pequenas hastes de bambú. Como enfeites, usam contas de vidro multicôres, bólas de ambar falso, moédas de prata e tatuagem nos lábios. São musulmanas, de feitio pouco comunicativo, mas de bôa indole. É talvez, mêsmo, a êsse seu bom coração, que se déve attribuir a circumstancia de, sendo islamitas, abrirem de quando em vêz, pequena brécha nos preceitos alkorânicos, para se entregarem a algum christão que lhes agrada... A *fula-fôrra* é intelligente e, entre as mulhéres indigenas da Guiné, é, sem duvida, a mais civilisada de todas.

As *fulas-prêtas*, tambem musulmânas, são de pelle muito mais escura e teem traços physionomicos muito mais grosseiros do que os das *fulas-fôrras*. Sob o aspecto plastico, encontram-se, n'esta tribu, corpos femininos que são tentação para o esculptor.

Sobretudo, para o esculptor, ou não esculptor!, que vêja, alguma d'ellas, n'essa sua dança do mais alto picturêsco que se châma: a *dança da tentação*.

Eis, em breves palavras, no que consiste esse entretem therpsichórico:

Estende-se um panno no sólo; ouvem-se os primeiros compassos de rythmica toada indigena, e, do circulo em tôrno do panno formado pelas raparigas, uma se destaca e avança, com meneios lentos, vindo a rodeiar o panno, em giros lascivos, toda dobrada, fazendo mímicas, óra de repulsa, óra de desêjo.

Vae a apanhá-lo, mas conségue resistir á tentação. Salta-lhe, por cima, com um gésto de pavôr; affasta-se d'êlle; mas, lógo volta cêrca d'aquêlle centro magnético da sua tentação esboçando géstos, óra de repellir, óra de desejar. Não logrando dominar-se e, dando um salto que é como que o extravasar de uma authentica onda de luxuria, levanta o panno e abraça-se voluptuosamente a êlle. E, logo, cahindo em si, atira-o para bem longe e exprime, mediante suggestiva mimica, como ficou attónita perante aquella victória que, sobre si, alcançou... O panno é symbólico. Cremos que déve representar, simultaneamente; a sexualidade, a riquêza e o luxo: êsses três ímans do desêjo feminino. Não ficar com êlle; deitá-lo fóra: é fazêr triumphar a virtude sôbre o peccado. Eis a moralidade d'esta dança feminina a qual, entretanto, é tão suggestivamente requebrada e lasciva que, se bailada por mulhér gentil, bem mais depressa accordará, na assistencia, impulsos sensuaes, do que ideias de renuncia aos bens e prazêres materiaes.

Seria muito longo fallar das mulhéres de todas as tribus guinéenses, mas, antes de zarparmos da Guiné, antes de retomarmos logar no velívago cahique da nossa phantasia, e antes que deixemos o vento enfunar-lhe as vélas pandas e impelli-lo até seu surto em aguas moçambicânas, ainda queremos aqui deixar duas palavras sobre as mulhéres *manjáca* e *nálú*.

A tribu manjáca, em numero de cêrca de 157.000 individuos, espalha-se, principalmente, pelas circumscripções de Cachêu, Costa de Baixo, e Ilhas de Jata e de Pecixe.

Os manjácos que, quasi todos, a par do seu proprio dialecto, fallam o creoulo de Cabo Vêrde, pela sua laboriosidade e pela facilidade com que se adaptou aos mais variados mistéres, constituem um dos elementos ethnicos mais uteis para o desenvolvimento e a valorisação d'essa tão progressiva colonia que é a Guiné.

As mulhéres manjácas, de traços physionomicos relativamente regulares e agradaveis, tatúam o rosto e os seios, salientam-se pela sua lindissima plastica d'uma correcção e d'um equilibrio pouco vulgares na raça nêgra, são intelligentes, são alégres, não teem a menor vocação para alimentarem o fôgo sagrado nos altares de Vesta e, bem pelo contrario, manifestam-se lídimas sacerdotizas de Venus...

Para atenuar a nudez forte d'essa lindissima verdade de seus nêgros córpos, usam cobrir a cabêça com lenços de côres berrantes, cingem o cóllo com collares de coral falso ou de contas de vidro vivamente colorido, e transigem em velar... ás vêzes..., uma pequena, mas muito importante parte dos seus encantos, com um panno de bem diminutas dimensões. Isto, porem, apenas nas suas povoações do interior da colónia, porque, nos centros habitados por europeus, usam, então, longos pannos, muito cingidos aos seus córpos esculpturaes de Venus nêgras, pannos êsses que, vistos de longe, bastante se assemêlham á saia *collante* com que as *travadinhas* europeias de ha 15 ou 20 anos generósamente regalávam os nossos cúpidos olhares. No busto, vestem blusas muito amplas.

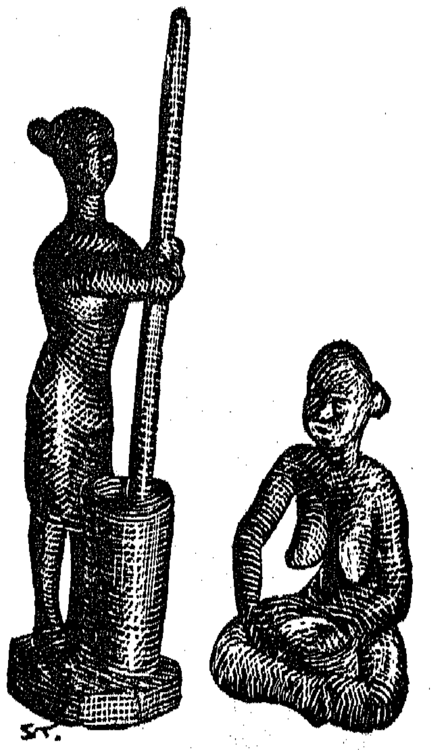
Muitissimo *coquettes*, e ainda mais sensuaes do que *coquettes*, as mulheres da tribu manjáca conjugam, intensamente, praticamente, e em todos seus tempos e... *modos*, o verbo «amar», sobretudo em Bolâma e em Bissau aonde podem dar largas á sua sympathica preferencia amorósa pelos europeus: portuguêzes ou estrangeiros das colónias limitrophes. São tão numerósas essas cruzas, e são ellas tão naturaes dado o encantadôr condicionalismo do eterno feminino n'estas morenissimas Venus, que bem provavel é que, dentro de cincoenta annos, a tribu dos manjácos, já hoje muito alterada em sua purêza somatica, tenha desaparecido e sido substituida por elementos mésticos.

Quanto á mulhér da tribu nálú, parecida pelos seus caractéres morphológicos exteriores, por sua indumentaria, e por sua religião islamita, com a mulhér fula não deixa, tambem de apresentar attractivos femininos muito apreciaveis, mas, só, ao de

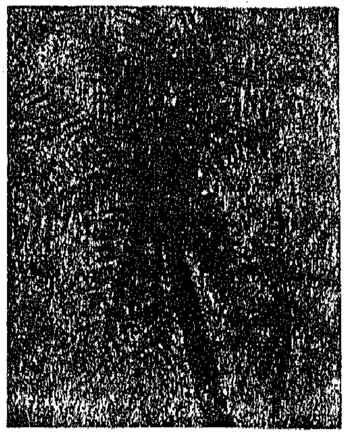
léve, a ella me referirei, para a lamentar como victima, que vem sendo, de bem estupida usança matrimonial. Entre os usos e costumes d'esta tribu, ha uma pratica consuétudinária, — *a do casamento por troca* —, que concorre para o rapido decréscimo da população nálú, e que, para as mulhéres, constitue bem desagradavel usança.

Os homens, depois de attingidos ou ultrapassados os 18 annos, podem casar, com uma ou mais mulhéres, desde que tenham tambem outras tantas irmãs, ou filhas, com mais de quinze annos, para darem em tróca. D'esta maneira, se são filhos unicos, ou se só teem irmãos, ficam solteiros á fôrça e outras vêzes, embora tendo irmãs, é frequente acontecêr que o pae do aspirante a marido não queira cedêr uma filha em tróca de uma nóra, e o desgraçado candidato ás fôrcas caudinas do matrimonio tem de arranjar uma filha espuria e aguardar que esta atinja a idade de casar para então, já muito entradote, a dár em troca de uma mulhér para êlle. D'aqui resulta, em primeiro logar, que o numero de casamentos fica muito reduzido, e, em segundo logar, que os casamentos são feitos com homens já relativamente velhos o que prejudica a proliferação e lésa gravemente um dos mais justifieados e comprehensiveis anceios d'aquellas pobres raparigas que sonharam com um jóven Adónis e não se podem contentar com o velho caduco que lhes vêm a cabêr em sorte na tombola matrimonial.

Não é, pois, de estranhar, que muitas dessas pobres *désenchantées*, por sua juventude ainda «*nel mezzo del cammin de nostra vita*», se transviem «*della diritta via*» de que nos falla o poeta da *Divina Comédia*, e enverédem pela «*selva oscura*» de sucessivos devaneios amorósos...



LOPO VAZ DE SAMPAYO E MELLO



A GUINÉ EM 1917

Menina e moça estive na Guiné. Mas recordo-me ainda dessa região exuberante e selvagem; lembro-a com mais intensidade que certos países hidrópicos de civilização onde demorei meus passos de viajante.

Quando oiço falar na Guiné como ela é hoje, estranho-a. Parece que me contam doutra terra. Perdeu o seu mistério de sertão hermético, o seu segrêdo que destilava sortilégios. Hoje, dizem-me que as estradas cortam de-lés-a-lés tôda a colónia; que a electricidade alegra as ruas e as moradias; que o gêlo consola as bôcas sequiosas; que os automóveis encurtam as distâncias; que hortas e jardins verdejam e perfumam; emfim, mil maravilhadas carreadas na cola do progresso.

Mas em 1917...

*
* *

Cheguei a Bolama no amanhecer dum dia brumoso. O piloto, prático indígena, atirou o navio sôbre os bancos da barra. Embriagava-se regularmente e os barcos que manobrava encalhavam com a mesma regularidade. Esperou-se pela praiamar para safar o navio; com a ajuda de Deus conseguimos demandar o pôrto.

Foi assim o meu primeiro contacto com o gentio da Guiné.

Desembarquei. A ponte, um amontoado de traves, assentava em pilares de madeira mal acepilhada, com pranchões em cima. Largos espaços entremeados escavavam abismos onde os pés se perdiam, ora um, ora outro.

A vila não acolhia com agrados. Era muito pobre e muito triste. Logo ao primeiro contacto estadeava a tristeza e a miséria.

O «Palácio» dessa época erguia-se mesmo á entrada da povoação, do lado do mar. Não passava dum barracão acaçapado, sem a mínima elegância, ratinhado de qualquer aparato. Depois seguia-se por comprido arruamento de casario modesto. O

Banco Ultramarino, que agora se instala num dos melhores prédios da Guiné, então possuia apenas uns aposentos escuros abrindo sôbre essa rua comprida, excelentes para a mediania dum capelista. As moradias alinhavam-se irregularmente, tôscas e pobres, por todo o povoado. As calçadas desfaziam-se em areias barrentas que tingiam os sapatos e as roupas. Bolama era pobresinha, mal lavada e agressiva.

Meu pai, quando dirigiu o Banco Ultramarino, mandou construir o edifício aparatoso onde agora se encontra a sucursal daquele Banco. Não foi obra fácil. Até um feitiço ocorreu durante a construção.

Eu conto.

Já se erguiam as quatro paredes exteriores, altas e fortes paredes de alvenaria, prontas a receberem a carcassa do telhado. Eram quási seis horas, o trabalho findára, os pedreiros recolhiam a suas casas.

Nesse momento passava na rua o entêrro dum indígena mal afamado, tido e havido como feiticeiro. O cortejo avançava ao longo da frontaria do prédio, focava de seus miasmas o edifício arrogante, ultrapassava-o — quando as quatro paredes ruiram, desamparadas, como castelo de cartas batido dum golpe de vento. Não houve mortes ou ferimentos. Mas o gentio propalou, e nestas coisas quem sabe é quem afirma, que o feiticeiro falecido estadeára o derradeiro feitiço.

Nêsse primeiro ano habitei a bela moradia. Causava assombro, entre os negros, pelo tamanho, a solidez, o ar de cousa definitiva. Recordo-me de vêr filas de indígenas embasbacados, na rua, para as paredes do prédio. De vez em quando um deles destacava-se, vinha à frente, espreitava os interiores. Ao recuar e ingressar na fileira dos mirones palrava falácias muito interessadas. O gentio em visita a Bolama fazia, como passo obrigatório, êsse estágio contemplativo e admirativo.

A água subia do poço aberto no quintal, extraída com bomba manual. A luz obtinha-se com candieiros de petróleo. Quando os «tornados» rugiam apagavam-se à primeira lufada. Por momentos ficavamos na escuridão, entre o estrondo das janelas a baterem, sublinhado pelo estardalhaço de qualquer vidraça quebrada na casa ou nas visinhanças, e ouvindo o vendaval que lá fóra desembestava a fúria sinistra.

O nosso jardim baixara de pôsto — contentava-se com as modestas funções da horta. Os talhões destinados ao luxo inútil das flores verdejavam das tenruras saborosas ao dente. Essa horta deslumbrava os nossos amigos. Uns franceses que a miudo frequentavam a nossa casa ofereciam-nos garrafas de «champagne» e pediam-nos alfaces!

Só uma vez vi o interior da ilha, numa investida de légua e meia pela selva maneirinha que contorna Bolama. A extraordinária façanha ecoou no povoado como audácia de explorador sertanejo. Levantou invejas e provocou represálias. Um dos mais graúdos funcionários dizia no «Palácio»:

«Organiza-se já uma excursão para achatar a prôa do Moreira...»

E tamanha algazarra chocalhava por via de meia dúzia de quilómetros passeados nuns carros de bois!

O passeio, em si mesmo, é curioso, pelo que revela. Estou a recordá-lo, tal qual êle foi, estupido e bonacheirão; mas prende-me a êsse tempo a saüdade dos dias vividos com a inconsciência da juventude. Vou levantá-lo, escová-lo, mostrá-lo como um filme de outras eras — e contudo talvez só para mim êle destile o interêsse que lhe encontro.

Eis o caso.

Por capataz nas obras do Banco havia um campónio videirinho, mãos de habilidade para todo o serviço. Êle grangeava a horta, êle metia bedelho na carpintaria, êle sentenciava na cozinha. Para frituras, ou caldeiradas, ninguem com mais arte! Com tantas artimanhas arranjava ser estimado.

Acabada a obra, na altura de ser dispensado o pessoal, mestre Gaspar lembrou-se de nos mimosear com banquete cozinhado a preceito. Matutou no projecto, viu os geitos a dar ao assunto, dia a dia acrescia duns pontinhos sua traça primitiva. Como homem de acção, da raça lusíada cabouqueira de impérios, prestes meteu ombros à emprêsa. Aparou quatro tábuas, pregou-as nos carros de bois onde a pedra e a areia iam para as obras, meteu dois bancos em cada carro. Depois, com água e vassoura, asseou as carruagens. Um belo dia, sábado à tarde, subiu as escadarias com o chapeu sob o braço e formulou o convite.

O caso espantou, e antes de ser aceite a idéia inesperada, estudou-se a possibilidade da temerària aventura. Por fim, vistas bem as coisas, ponderado que na ilha não luziam olhos vorazes de féras, não pinchavam rebeldes, não se alapavam antropófagos, e assente que nos fariamos acompanhar por criados fieis e hábeis nos caminhos gentílicos, não se descortinou na função perigo ou extravagância. De pé para a mão se ultimaram os preparativos, se fez a convocação da roda dos íntimos. Partimos na madrugada de domingo.

Quando perdi de vista os telhados de Bolama pensei com os meus botões:

— Eis o mato!

Emfim, tudo é relativo, em relação seja a que fôr — por isso a Bolama de 1917, ageitadinha na sua clareira secular, pasmou dessa sortida perturbadora da calma em que sopitava.

Fronteiro ao novo edifício do Banco corria um terreno aparrado que as queimadas varriam a fogo e as chuvas inundavam sem mercê. Aí se erguia a Igreja, em mísera barraquinha de madeira e zinco. Após as cerimónias liturgicas o sacristão punha a bom recato, em casa do cura, alfaias e paramentos, porque na Igreja não havia defesa contra os ladrões.

Aos domingos regorgitava de povinho. Mulatinhas flamantes, com seus penteados de trunfa e vestes garridas. Rapazes muito lavados, cheirando a água de colónia

barata. A entrada e saída dos devotos divertia como entrudada fóra do Entrudo. Deus me perdoe — mas não vejo forma de conseguir dos negros, sem ridículo, o uso dos nossos costumes mais corriqueiros.

Pelos «Reis» os rapazitos cristãos cantavam de porta em porta as mesmas coplas tradicionais que o nosso povo canta nessa festiva quadra. Armavam capelinhas, muito embonecadas, e passeavam-nas, num arremedo de andores. Noutras épocas queimavam fogos de artifício e saltavam as fogueiras, cantando e dançando em honra de Santo António, São João e São Pedro. Mas todas essas manifestações falhavam de alegria, de exuberância, como coisas encomendadas. Em nenhuma explodia o frémito de vida que a cálida alma africana desfreia no batuque.

Ainda hoje não sei — e hoje conheço como se desfibra uma saüdade, uma emoção, uma idéa — não sei se era alegre, se era triste, a impressão que me absorvia quando contemplava os festivais dos pequenos mestiços que não têm de seu um lugar no mundo — nem raça, nem chão, nem ritos que lhes pertençam. Estrangeiros em tôda a terra, indesejáveis em todo o ceu, é decerto o instinto, com a brutalidade das revelações, que os atira de joelhos ante o único Deus que os abençôa sem reservas.

*

* *

Meses depois fui viver para Bissau.

O transporte fez-se de «gazolina».

Antes de fixar a hora da partida o mestre do barco, um fula de balandrau branco, embrenhou-se em cálculos complicados. Pensava na possível altura da maré no momento em que passássemos sôbre a crista do baixio — «corôa chupadora», como êles diziam. Bissau, apertada num liame de rios e braços de mar, é uma das muitas ilhas que empenacham de verdura o oceano fronteiro à Guiné.

Da «corôa chupadora» contavam-se histórias pavorosas, cuja realidade não posso verificar.

Diziam que absorvia os barcos que roçassem os lodos das suas ribas. Na maré baixa as águas descobriam êsses lodaçais aterrantes. Ou troncos de arbustos marinhos, ou topes de mastros, brotavam por lá hastes esguias, tidas e havidas como mastreações de barcos tragados na voragem. Barco que se atrazasse e não salvasse a corôa em maré alta, encalhava; depois — diziam os negros — o lodo cedia, a embarcação atolava-se, pouco a pouco profundava no banco, até sumir-se. Nem homens, nem quilhas, logravam a voracidade do monstro.

Não sei o que há de verdade nêste relato; ouvi-o tal como o digo.

Quando cheguei a Bissau pouco tempo havia que a cidade fôra desaperreada do seu espartilho de muros. Só na fortaleza persistia o aparato bélico. Todas as noites

se ouviam os berros das sentinelas. O «alerta», «alerta está» soava como grito de alarme a nós dirigido. Os extremos das ruas, após a derruba dos muros, escancaravam-se sôbre a selva. Bissáu inda não criara arrabaldes. Conservava o seu aspecto de presídio, de guarita militar atalaiando o resgate das mercadorias.

Nessa época tinha apenas duas ruas, longas, mal calçadas. A ponte de cimento, obra rica, construira-se, mas mantinha-se inacabada. Havia boas casas, empilhadas, falhas de quintais, de varandas, de desafôgo. Torturada nos seus muros, Bissau estrangulara-se. Seu aspecto era horrível.

Fui habitar a melhor casa da terra, o prédio grande do Cabral, ao tôpo da povoação. A menos de cem metros avistava-se a armadilha das panteras. Bastas vezes, ao amanhecer, o borborinho na rua avisava-me de que a armadilha tinha hóspede.

Certa vez caíu nela o professor dos meninos, europeu abelhudo, mas muito estimavel.

Curioso, andou a investigar aquilo. Como funciona, como não funciona... E a armadilha fechou-se de súbito sôbre êle. A isca para as onças estava junta, na pocilga dos recos, de modo que tôda a noite as féras sapatearam e pincharam sôbre a armadilha, atraídas pelo fartum dos suinos. O desgraçado adoeceu com o susto.

De madrugada os negros preveniram o dono da pocilga. Havia bicho, a armadilha fechara-se...

Nessa ocasião alguém, não sei já quem, pretendia oferecer ao Jardim Zoológico de Lisboa alguns felinos da Guiné. Com êsse fito construira a jaula que serviria na primeira oportunidade.

Os pretos rodaram a bisarma até às proximidades da armadilha, discutiam o modo de a porem ao geito de facilitar a passagem da féra. Carne sangrenta ocupava um canto da jaula para atraír o carnívoro e desalojá-lo da ratoeira. Mas quando se avizinharam ouviram os berros do professor que pedia socorro — socorro para se safar, porque mal algum lhe sucedera.

Teixeira Pinto, o grande capitão africano, batera os «papeis», as muralhas de Bissau já não apertavam a cidade na gargalheira do ergástulo, mas ainda se não iniciara a construção de novos edifícios. Brancos e indígenas viviam amontoados. Os pretos dormiam às dúzias em quartos alugados, noite e dia abertos sôbre as ruas. As mestiças pobres viviam em promiscuïdade e cozinhavam na calçada. Se chovia ou pontava o «tornado» recolhiam sob as telhas o jantarinho. Findo o temporal a lide doméstica retomava posse da via pública.

Contava-se como certo que as onças se aventuravam até à cidade, a horas mortas, e que algumas, mais ousadas, roubavam crianças dos quartos cheios de gente adormecida.

Ninguem se atrevia a passear no mato. Os «papeis» continuavam a infundir terror. Espairecer até ao Alto de Intim era façanha só acessivel a ânimos intemeratos. Pelo sim, pelo não, sempre se levava a pistola escondida.

Não havia estradas. A penetração da selva fazia-se pelos rios e canais. Os viajantes chegados do interior raras vezes contavam seus passos sobre terreno. Eram sempre histórias de viagens sôbre a água, rios doces, rios salgados, encalhes no lodo e no mangal, riscos com hipópotamos e crocodilos. Aterrava-me pensar naquêle sertão de caminhos líquidos, cruzado de rios como um corpo é cruzado de veias.

*

* *

Saí da Guiné. Corri as sete partidas do mundo. Cousa alguma esbateu na minha memória essa região exuberante, que não compreendi — e me maravilhou. Taça fervilhante de raças inimigas, de religiões que se combatem, de povos que se medem. Terra fértil, apojada de seiva, desentranhada em frutos. Clima tropical, pródigo de malifícios. Sol, água, seiva, gentes — em transbordamentos.

Estas lembranças duma época morta não fascinam de nenhum encantamento, e nem sei por que fascinação se soldaram à minha saüdade. Só podem brilhar pelo contraste, e êsse percebe-o apenas quem vê a Guiné dos nossos dias, batida de estradas, varrida por automóveis, tentaculada pelo progresso — êsse progresso arrastado com a civilização, que inda não mostrou se é um mal, se é um bem, para a África e os africanos.

ABDULAI, O CAÇADOR

O mais longe que a minha memória abrange, quando procuro relembrar o passado, é a infância em terras de África. A Guiné, fixou-se para sempre na minha lembrança, vagamente poetizada, como tudo o que se passou e contemplamos à distância de muitas milhas e alguns anos. Embora as perspectivas sejam nítidas, embora eu faça um grande esfôrço, é impossível situar no tempo os factos de que me recordo.

São quadros soltos, que me ocorrem ao pensamento, como se por uma gravura quiséssemos reconstruir o que se passou antes e depois dêsse momento fixado.

Vejo a cidade de Bissau, com grandes montes de mancarra, ruas irregulares e um pôrto tôsco; vejo Mansôa, onde durante muitos anos se esteve construindo uma ponte; Bissoram e Canchungo, que ficam na estrada para Cacheu, antiga capital, hoje simples pôsto administrativo.

CAÇADOR MANDINGA

E, finalmente, surge-me nítida a lembrança de Farim, pequena vila nas margens dum largo rio, onde tanta e tanta vez passeei de canôa. (1)

Farim, fica em pleno chão dos mandingas,

---

(1) Pequena embarcação feita do tronco duma árvore.

porventura a raça mais indolente da Guiné, mas aquela de civilização mais adiantada.

Vejo-os passar, imponentes, com as suas longas cabaias brancas e um «fez» vermelho, ou um turbante azul, com ares de grandes senhores. Vejo-os sentados, pernas cruzadas, em compostura grave, esperando que as lojas abrissem para mercadejarem os produtos da sua lavra, ou comprar os mil artefactos que o «branco» engenhoso tem à venda.

Ora o primeiro heroi que a minha imaginação infantil conheceu, foi precisamente um mandinga, célebre caçador daquelas redondezas e de quem se contavam histórias quási lendárias.

Nas «bolanhas» (1) de uma «tabanca», (2) para os lados de Candjambari deu em aparecer um bicho corpulento, pègadas muitas vezes maiores do que as dos hipopótamos e que estragava a plantação. Os velhos, reünidos em conciliábulo, acordaram em que se tratava dum elefante, pelo tamanho das pégadas e estragos.

Ora o único homem capaz de matar tão grande e astucioso animal, era por certo êsse tal mandinga do *chão de Oio,* por nome Abdulai, caçador celebrado por mil perigosas façanhas.

Mandaram recados, e Abdulai não se fez esperar; era um homem alto, magro, barba rala e olhar inquieto. Foi à bolanha, êle e o ajudante, que lhe trazia as duas longas — espingardas compridas, antigas, de carregar pela bôca. Inspeccionou o local, viu a direcção que costumava trazer o elefante quando se vinha refastelar; seguiu-lhe as pègadas, estudou a direcção do vento e voltou outra vez à tabanca. Noite alta, reünido em volta dêle um grande grupo, doutamente falou de caça e das possibilidades de matar o elefante. Explicou que para caça como aquela, todo o caçador experiente devia levar, sempre, as espingardas carregadas de casa. Porque, se as fôsse carregar em face do animal, impressionado com a enorme corpulência dêle, seria levado a exagerar a carga e daí as espingardas rebentarem, como tanta vez acontecia. Mostrou as suas *guardas,* que sempre o haviam livrado de maus encontros e protegido na caça. Fez, com gesto superior, alguns sinais cabalísticos, invocou o nome de Allah, todo poderoso, e foi para a cubata que lhe estava designada.

Cá fora, «cambanôs» (3) e homens grandes, discutiam as probabilidades do êxito da caçada.

Ao outro dia, mal cantou o primeiro galo, Abdulai chamou o ajudante, e ambos seguiram para a bolanha. Fez-se esperar muito, o elefante. Já o próprio

(1) Arrozal.
(2) Povoação.
(3) Rapazes.

caçador desanimava, estando tentado a ir procurá-lo noutro sítio, quando viu, uma massa enorme, surgir do capim alto que ladeava a bolanha, pausadamente, com os vagares de quem se sente bem à-vontade. Abdulai mirou o e remirou-o: era um soberbo macho solitário, talvez expulso pela manada.

O caçador torneou o arrozal, a procurar vento de feição, não fôsse o elefante farejar a presença de homem e fugir. Entretanto, o bicho, tendo derrubado uma palmeira, tentava rachá-la para se regalar com o seu miolo.

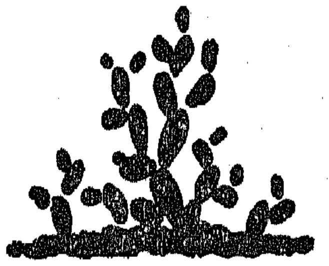
Abdulai esperou que o animal conseguisse o seu objectivo para melhor se aproximar. Rastejou, seguido pelo ajudante, até se aproximar, cêrca de cinco metros. Soergueu-se rápido e apontou a arma. O elefante, adivinhando o perigo, levantou a tromba a farejar, quedou-se imóvel, e então Abdulai disparou. O enorme animal, raivoso pela dôr, investiu: Abdulai pegou na segunda arma, rápido, e desfechou quási à queima-roupa. Na sua fúria cega, o elefante deu mais uns passos, mas caíu desamparadamente. O caçador só tivera tempo de saltar para o lado.

Agora, em presença daquele colosso moribundo, Abdulai parecia uma criança.

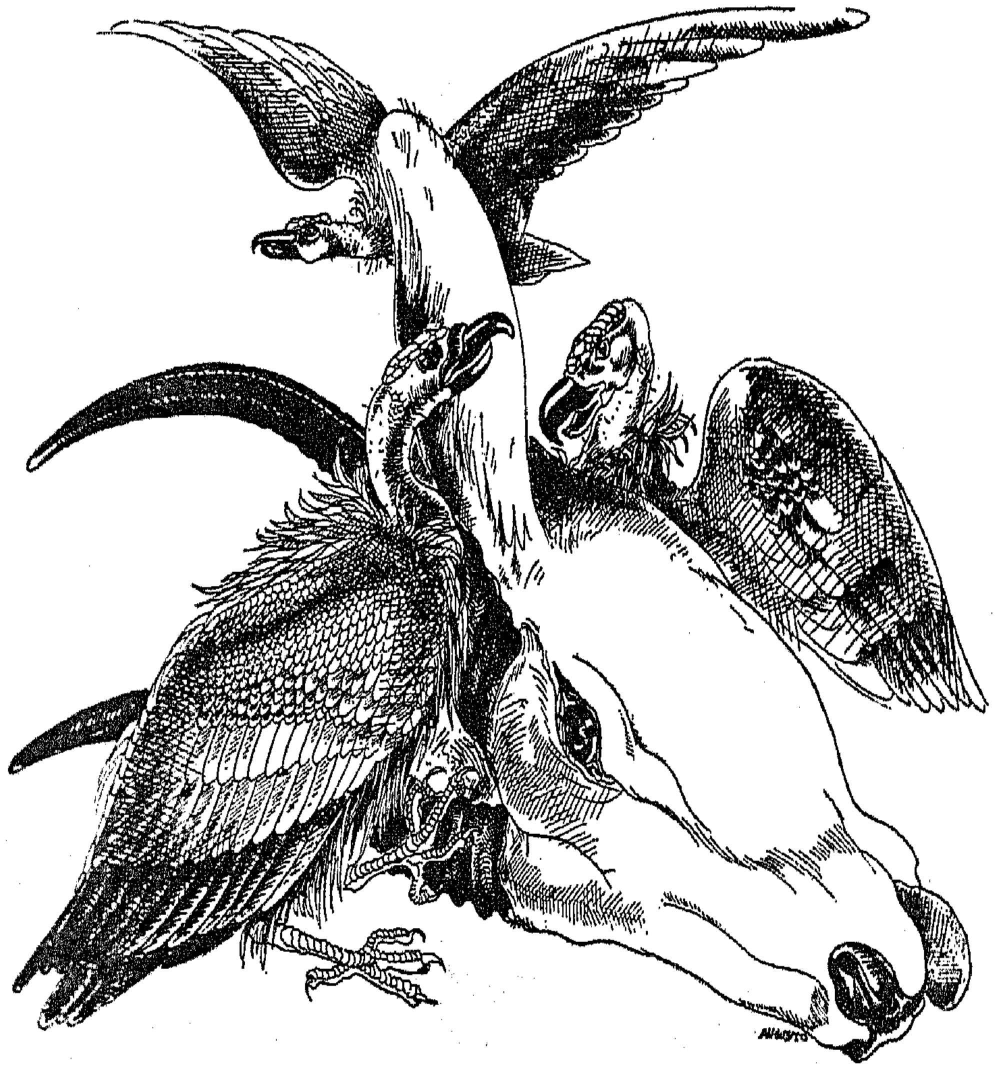
Mas não tardou que tôda a tabanca viesse rodear o afamado caçador e a sua presa.

Abdulai foi trazido em triunfo, como um verdadeiro heroi; esta sua façanha foi celebrada em cantigas, que, rápidas se propagaram por todo o *chão dos mandingas.*

E foi Abdulai, o mandinga do chão do Oio, o primeiro heroi que a minha infantil imaginação criou.



A R T U R   A U G U S T O



DISCURSO DE RECEPÇÃO AO «CRUZEIRO DE FÉRIAS», PRONUNCIADO PELO GOVERNADOR DA GUINÉ, MAJOR LUIZ ANTÓNIO DE CARVALHO VIEGAS

Minhas Senhoras

Meus Senhores

A Colónia da Guiné movimenta-se para saüdar V. Ex.as com a alegria que lhe causa receber um tão ilustre escól de portugueses, constituído por professores de Universidades e de Liceus, médicos, advogados, engenheiros, alunos de vários graus de ensino e — com bastante satisfação o digo — muitas senhoras, com o desejo de verem a vida íntima da Colónia e contribuïrem para o estreitamento dos laços que unem os portugueses de todo o Império, fazendo assim vibrar a alma nacional, pelo significado social, político e económico que por V. Ex.as lhe é dado, como executores do alto sentimento patriótico e pensamento de Sua Excelência o Ministro das Colónias.

Sente-se esta Colónia orgulhosa de ver a colaboração da mulher, mulher sempre sublime através de tôda a nossa história, quer pelas suas virtudes cristãs, quer como símbolo do amor e do sacrifício, e que em Africa tem sido não só um elemento de aperfeiçoamento moral e social, como também de colaboração indispensável para aqueles que aqui labutam pela vida, enraizando pelo trabalho o heróico e honrado nome de Portugal.

Aqui, nesta Colónia, talvez a de pior clima entre todas, sempre sob o iminente perigo da febre amarela e da peste, a encontram desempenhando o gratíssimo papel de espôsa e de mãe, e bem assim elevando a mulher indígena ao nível de educadora dos seus futuros filhos no caminho da civilização como se vê no trabalho das missões, conduzido pelas bondosas Irmãs de Caridade.

A V. Ex.as, pois, minhas Senhoras, em nome da Colónia, e por mim próprio, endereço os meus sentimentos de respeito e simpatia que de todos merecem.

*

* *

Seguem V. Ex.as, minhas Senhoras e meus Senhores, o mesmo roteiro, a caminho das terras de África, que os nossos antepassados tomaram nas suas pequenas caravelas com os seus latinos brancos e a cruz de Cristo e nos seus galeões prontos a vomitar metralha, sulcando os mares nunca dantes navegados, entre perigos infinitos, para dilatar a Fé e o Império; agora, porém, vêm V. Ex.as até elas para nos dar a garantia da preparação de um futuro de intensa e fecunda colaboração entre o Portugal Continental e o seu Império Colonial.

Pena, muitíssima pena, tem a Colónia que V. Ex.as não se demorem uns dias nesta terra portuguesa, uma das primeiras a serem descobertas.

A Guiné, por assim dizer abandonada tantos anos pela Metrópole, mostraria então quanto Portugal nestas duas últimas décadas tem trabalhado para glória da sua acção colonizadora.

Verificariam V. Ex.as a ordem, o socêgo e a tranqüilidade que há entre as 17 raças e sub-raças, de civilizações, hábitos e costumes completamente diferentes; como a Colónia é cortada em todos os sentidos por estradas sôbre algumas das quais os vossos automóveis podiam rolar com uma velocidade média de 90 quilómetros à hora; veriam as suas matas onde se encontra a onça, a pantera, a hiena, o leão e o elefante, as suas lagôas povoadas de cavalos marinhos e crocodilos, as suas opulentas palmeiras cujos frutos nos oferecem o coconote e o óleo de palma, as suas extensas «bolanhas» onde se desenvolve o arroz, as suas largas sementeiras de mancarra, as suas lavras de gergelim; o milho, as plantações, nas suas granjas e quintais, de batata doce, cana de açúcar e mandioca, em suma, veriam como êstes 36.000 quilómetros quadrados estão completamente cobertos de um manto de verdura, albergando povoações comerciais activas e «tabancas» indígenas onde reina a alegria e o sossêgo, entregando-se à agricultura e a apascentar numerosas manadas de gado.

Iriam ver as ilhas Bijagós, as célebres Dórcadas a que o sublime cantor das nossas glórias nacionais se refere nas suas belas estrofes dos «Lusíadas». Nelas assistiriam às interessantes danças e veriam os curiosos costumes daqueles indígenas, altos, fortes e desembaraçados, que foram admirados na 1.ª Exposição Colonial do Porto.

Vastíssima seria a matéria em tôda a Guiné para aqueles que se quizessem devotar ao trabalho da etnologia e da etnografia.

Em tôda a parte, em todas as tribus, encontrariam V. Ex.as o carinho e a satisfação de serem recebidos, sendo para elas uma honra albergarem um português, um branco, como dizem.

Grande desejo era da Colónia que V. Ex.as permanecessem mais tempo entre nós — lhes juro que não se arrependeriam — para assim se tornar de mais profundo proveito a lição de história e de patriotismo que colheriam aqueles que num futuro próximo virão substituir os que por aqui agora andam.

Não foi possível, decerto por circunstâncias de tempo, conseguir; mas, para, ao menos V. Ex.as fazerem idéia dêste canto do Mundo onde várias raças vivem o mais cordealmente possível sob a protecção da Bandeira de Portugal, eu permito-me oferecer-lhes os exemplares que pude haver da última publicação sôbre a etnografia, arte e cultura dos povos da Guiné, a «Babel Negra» da autoria de Landerset Simões. Espero o perdão de ser em número limitado mas... quem dá o que tem, a mais não é obrigado.

*

* *

Ainda são V. Ex.as os portadores da honrosa incumbência de Sua Excelência o Ministro Dr. Ferreira Bossa que num oportuno gesto de sentimento patriótico mais uma vez fez brilhar a sua viva inteligência, tacto e talento, oferecendo a esta Colónia o relicário das extraordinárias virtudes da nossa Raça: os «Lusíadas».

Não vem êste relicário, em que as suas páginas são iluminadas pelas figuras de guerreiros, navegadores, exploradores e estadistas, com o esplendor dos dourados côches de D. João V como na embaixada do Conde de Vilar-Maior a Viena d'Austria nem com os elefantes da Índia como na Embaixada de D. Manuel I ao Pápa, mas acompanham-no os corações de portugueses ardentes pelo progresso do seu Império Colonial, representados por parte da intelectualidade do País, presente e futura, em suma, a alma e cérebro de Portugal.

Quere a juventude que idealiza continuar a engrandecer as Colónias vir vê-la para se inteirar dos imperativos soberanos do nosso destino, para com consciência poder enfrentar os muitos e terríveis problemas que o futuro lhe possa deparar.

Bem desejaria poder eu elevar-me à altura das circunstâncias para que as minhas palavras constituíssem o clangor de fanfarras gloriosas dando a impressão de entusiasmo que abraza as nossas almas de portugueses, de maneira a poder patentear vincadamente o júbilo da Colónia pela honra com que Sua Excelência o Ministro a quis galardoar, oferecendo-lhe o poema cujas estrofes cantam as glórias dos portugueses, a sua bravura, os seus feitos e as suas arrojadas conquistas.

Quisera eu que da minha vontade saísse um hino de amor e de carinho, cheio de afecto que mostrasse a sentimentalidade da emoção e da viva impres-

são do nosso profundo reconhecimento por êsse orgulho que lhe é dado ao receber tão manifesta prova de consideração, provando quanto aqui se ama Portugal, quanto aqui se venera a sua História e como se tem a esperança que será tão grande nas eras novas como o foi nas eras passadas.

Queremos os «Lusiadas» como representação da alma nacional; não sòmente como pergaminho da nobreza da nossa raça, não para vivermos apenas de Êles; mas com um incentivo ao nosso brio para mostrarmos ao Mundo que mantemos a nossa virilidade, a nossa energia tradicional da raça.

Teve Sua Excelência o Ministro a muito feliz idéia de, à solenidade com que V. Ex.as são recebidos nesta Colónia, prestar-lhe o brilho dêsse patriótico motivo, o de lhe enviar os «Lusiadas». Será êle bem guardado e acompanhá-lo-á o eterno reconhecimento desta terra portuguesa como dívida de gratidão por contribuír para o seu sentimento nacional que deve unir todos os portugueses dalém e dàquém mar, em tôda a sua plenitude, isto é, moral, económica e politicamente como aspira o Estado Novo.

Já agora permitam-me V. Ex.as que lhes peça para serem portadores duma lembrança desta Colónia a Sua Excelência o Ministro Dr. Ferreira Bossa, como preito de gratidão, reconhecimento e fé nas suas altas qualidades de inteligência, trabalho e competência, lembrança cuja insignificância do seu valor é remida pelo sentimento que a dita, o símbolo heráldico desta agradecida Colónia, feito de bronze que pertenceu a um velho canhão que nestas terras se fez ouvir para impôr a soberania de Portugal.

O pouco tempo que houve para a conseguir não permitiu que a envolva num escrínio de arte indígena, tão curiosa nesta Colónia. Acompanha-a, porém, o preito da nossa sincera e inextinguível gratidão pela idéia patriótica de Sua Excelência, fazendo reavivar o amor pátrio no seio fecundo da nossa Raça.

Não regateia a Colónia, também, louvores aos organizadores do Cruzeiro de Férias às Colónias, facilitando a vinda da mocidade às diferentes parcelas do Império Colonial para com consciência poder preparar-se para a continuïdade, valorização e honra daquilo que com muito trabalho, heroismo e sangue nos legaram os nossos antepassados.

Ao endereçar a Sua Excelência o Ministro, em nome da Colónia, o nosso sentimento de gratidão e fé no seu esfôrço pelo engrandecimento do Império Colonial Português, apresento, minhas Senhoras e meus Senhores, as maiores homenagens e as minhas mais sinceras saüdações, com o desejo de que esta viagem iniciada em tão boa hora lhes corra tão feliz que jámais se apague da vossa memória.

DISCURSO DO PRESIDENTE

DA COMISSÃO DE RECEPÇÃO AO CRUZEIRO DE FÉRIAS, EM BISSAU,

DR. PONCES DE CARVALHO

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Numa das célebres entrevistas dadas ao jornalista António Ferro, dizia assim o Sr. Presidente do Ministério:

«Se queremos ser um grande país colonial, temos de mudar de processos, de mentalidade, temos de ir para as nossas colónias como quem não sai da sua terra como quem não vai para o estrangeiro.»

Quando há horas me vi obrigado a pensar no que havia de vos dizer nêste momento, eu lembrei-me desta frase — síntese feliz dum bom nacionalismo — como um motivo que devia interessar ao propósito das minhas palavras. Foram estas escritas e são agora proferidas, com grande confrangimento e comoção.

É que não me esqueço que tenho na minha presença uma muito escolhida delegação do que de melhor há no meu País e nos vários sectores em que os homens, pela inteligência, pelo exemplo ou pela acção, se impõem aos outros homens; mulheres que na prática das mais expressivas e delicadas virtudes portuguesas, são bem a representação perfeita de todas aquelas que nas horas incertas da nossa História, nunca deixaram de aparecer, a acarinhar e a encorajar os trabalhadores de todas as epopeias; mulheres: *Senhoras* — no mais elevado e pulcro significado da expressão. Portugueses de hoje, portugueses, *certos*, de amanhã!

Não quero também que julgueis me esqueço, que perto de nós se encontram alguns dos mais nobres representantes do sangue nobre da fidalga nação irmã. Quem me conhece sabe bem o quanto eu quero à... *«minha»* querida Espanha!

Andanças impostas por circunstâncias que muito me ofenderam a inteligência e o coração, levaram-me num dia, já distante, para a Pátria magnificente de Santa Teresa de Jesus e Gonçalo Fernandes de Cordova. Alguns anos vivi entre espanhois e por mais larga que Deus me faça a vida, jámais esquecerei o quanto devo, em elegantíssima e generosa assistência espiritual, ao nobre e puro cavalheirismo castelhano. Conheço, estou certo, o sentido moral e mental de todos quantos hoje em Espanha mantêm com orgulhosa intransigência, a altiva arrogância da tradição heróica do seu nacionalismo; e por isso não duvido

em vos dizer, que convicção minha é, que os que nêste momento são hospedes ilustres dum pedaço da terra portuguesa *dàquém-mar*, se desvanecerão num aprazimento sem reservas ao presencearem o trabalho com que os portugueses — seus irmãos nas cruzadas pela civilização — vão continuando a alargar a sua Fé e o seu Império.

*

A devassa, com escrupulosa conciência feita, sôbre as intenções que animaram a emprêsa que pôs termo à lenda do «Mar Tenebroso», chegou há muito à conclusão de que o Infante — criador e chefe — teve a inspirar o seu genial acometimento, preocupações de natureza religiosa, ciêntifica, política e comercial.

Mais de cinco séculos volvidos, parte de Lisboa, sob a benção do Patriarca, uma expedição de portugueses, em romagem às terras que Henrique, o Navegador, mandou que se conhecessem. Com oito dias de viagem em modesta rapidez, o vosso cruzeiro atingiu as costas que Nuno Tristão, o familiar do Infante, alcançou, para morrer, sôbre trinta anos passados em esforçadas e árduas tentativas para bom cumprimento das ordens recebidas no Promontório.

A benção do Patriarca; a presença de homens sábios e de nacionalistas de claro entendimento e coração ardoroso e o que a bordo da vossa náu se pode ver para animar os portugueses do Império numa íntima colaboração mercantil — mostram que o decorrer dos séculos não nos fez esquecer o encargo que nos legou o pensamento altíssimo do Infante.

Encontrais-vos na Guiné, cujas costas foram alcançadas como primeiro objectivo das descobertas. A terra que a bandeira de Portugal hoje aqui cobre, não é tanta como a que não há muito tempo essa bandeira cobria. Os pedaços que lhe faltam não nos foram, porém, arrebatados pelas armas. Horas de decaïmento, de claudicação, de frouxidão patriótica, em desvairos liberalistas — tiveram de consentir que uma larga parcela da terra portuguesa da Guiné, nos fôsse confortávelmente apreendida no acto burocrático duma convenção.

O que aqui temos, porém, ainda vale muito e nunca poderá deixar de ser de Portugal! E nós todos, Senhores, os portugueses da Guiné, muito lamentamos que o vosso «Cruzeiro», por circunstâncias certamente irremovíveis, não possa utilizar alguns dias numa romagem por estas terras de verdura eterna que tantas preocupações e sangue portugueses tem consumido e que com larga abundância ofereceria à esclarecida avidez das vossas preocupações espirituais e mentais, seguros motivos de encantamento e de orgulho.

Certamente na Capital, Sua Ex.ª o Governador vos fará sentir o quanto perdestes por não vos ser permitida maior demora na Guiné. Impertinente, pois, seria dizer-vos agora aqui o que sem dúvida com mais autoridade e proficiência, dentro de algumas horas ireis ouvir.

Creio, meus senhores, que o pouco tempo que o vosso «Cruzeiro» destinou à Guiné não póde significar, por parte de quem o determinou, menos interêsse em conhecer de perto o trecho do Ultramar de mais recente ocupação efectiva.

«Cruzeiro de Férias», às acanhadas estremas destas, tinha que atender na destribuïção do tempo a empregar na visita e conhecimento de vastos territórios do nosso Império. Os portugueses que aqui vivem e que por tão pouco tempo gosam a carícia do convívio com os seus irmãos da Mãe Pátria, não podem, pois, sentir-se feridos, por uma emulação despeitada. Grandes e belas coisas tendes ainda que vêr em terras de Portugal. Resta-lhes, aos que ficam, resignadamente, vêr-vos partir com pena e com saüdades.

Senhores: eu creio em Deus e pelas muitas coisas novas que sinto e vejo, na inteira Ressurreição do nosso Império.

A peregrinação que vindes fazer a terras santas de Portugal, necessário se torna que se repita e se alarge para que o sangue rejuvenescido pela Revolução e que a Revolução anima, circule e dê vida nova a tudo o que tem o nome abençoado de *terra portuguesa*.

Nas colunas dum diário da Capital eu disse há tempos: «*O território português é um só: disperso pelo mundo e ligado pelo mar — muito se engana quem cuida que a perda dum palmo de terra lhe não póde causar uma ferida de morte.*» Não creio que na nossa Pátria haja alguém que ainda julgue, que as terras portuguesas do Império, deixaram de ser motivo das cúpidas ambições de imperialismos estranhos. Mas a história ensina-nos que os povos, os mais pequenos e menos poderosos, quando, com a consciência firme dos seus destinos, num pensamento nacionalista se unem, a imporem a sua personalidade orgânica e livre, saiem sempre respeitados ou triunfantes das convulsões ruïdosas que extinguem ou limitam a independência de nações, muitas vezes de existência secular.

Disse-vos há pouco que o vosso «Cruzeiro» se inspirou, no cumprimento duma missão traçada pelo criador do Império. Mas todas as modalidades dêsse programa, pensado e iniciado há cinco séculos, servem hoje, em íntima colaboração, o fim único que mais se impõe: a unidade política e moral da Nação.

A isso creio, para bem julgar, vindes agora.

Largos anos de acção dissolvente, de princípios impostos por doutrinas inadaptáveis à natureza do homem e aos imperativos da sua acção no Mundo, tornaram possível uma longa ausência da actividade política do Estado, das energias morais da Nação. Nêsse longo período de enfraquecimento nacional, houve, é certo, aqui e além, horas magníficas de estuante patriotismo e glória.

Actos isolados, dispersos, de homens de génio e de Fé — e de que o País pouco mais utilisou que a alegria passageira das manifestações de regosijo com que se homenagearam os feitos.

Para reintegrar Portugal na Nação, houve há anos na Mãe Pátria, um acto de violência que as energias latentes, para muitos ignoradas, desde logo secundaram.

Preocupações e insubmissões, de princípio teimosamente repetidas, obrigaram o govêrno central a limitar a sua preocupada actuação, aos múltiplos problemas que os interêsses em choque dos partidos, deixaram em aberto na Metrópole.

Abandonadas assim pela acção do dinamismo nacionalista emergente da nova ordem de coisas, as colónias têm esperado que ao esfôrço regularizador das suas administrações em desordem, suceda uma intervenção decisiva para a sua incorporação na unidade moral e política do Estado Novo.

Permitam-me V. Ex.as que eu creia que a vossa presença aqui, ao serviço, certamente, das preocupações em levantar e unir as energias nacionais, tenha para os trabalhadores africanos o significado de que chegou, emfim, a hora de se demonstrar que «*preto também ser gente*».

*

Ao concluir estas minhas palavras, com que em pequena parte desabafei as muitas coisas que tinha para vos dizer, eu peço-vos que me perdoem o tempo que vos fiz perder sem interêsse e sem brilho.

Continuai na bôa acção do vosso «Cruzeiro de Férias» nas proveitosas aulas práticas que vindes freqüentar. E depois, no vosso regresso, ensinai em Portugal, que de facto, não saístes da vossa terra, não estivestes no estrangeiro. E em nome de todos vos peço que não esqueceis a terra bem portuguesa da Guiné!

DISCURSO

DE AGRADECIMENTO PROFERIDO NA CAMARA MUNICIPAL DE BISSAU

PELO DIRECTOR DO CRUZEIRO, DR. AUGUSTO CUNHA

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara de Bissau
Minhas senhoras e meus senhores

Como Director dêste Cruzeiro e certo de estar interpretando nêste momento o sentir de todos os que da Metrópole me acompanharam nesta viagem — professores, estudantes, escritores, distintos oficiais, engenheiros, médicos, advogados, jornalistas, industriais e comerciantes e até alguns nomes da melhor nobresa de Portugal, — eu agradeço a V. Ex.^{as} o amável acolhimento que nos foi dado.

O mesmo entusiasmo que nos esperava em Cabo Verde, nos acolheu aqui; e decerto o mesmo se repetirá nas colónias que vamos percorrer.

E é natural.

É que em todas elas, corre o mesmo sangue português, existe o mesmo amor, o mesmo carinho patriótico que é o principal, o grande factor da unidade do Império.

E é natural também, porque em todas estas distantes províncias de Portugal que vamos percorrendo, se compreendeu bem o significado, o objectivo e o alcance dêste Cruzeiro.

Êle pretende ser o primeiro duma série, que procurará cada vez mais estreitar entre si as várias parcelas que Portugal tem espalhadas pelo Mundo. Que pretenderá unir, mais pelos laços da amizade e do intercâm-

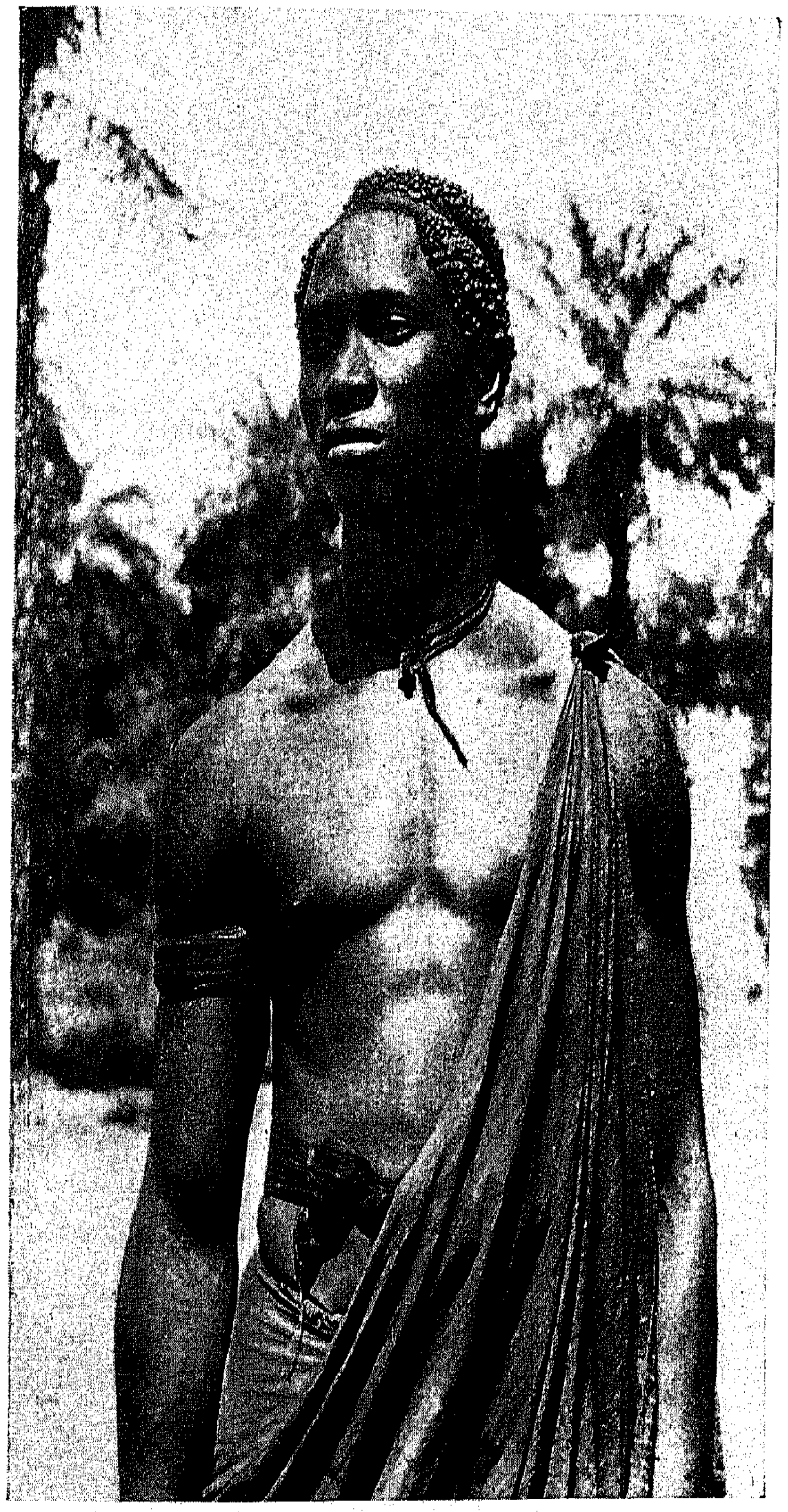
bio intelectual das suas modernas gerações, — dos seus escritores, dos seus artistas, dos seus valores mentais, de todos os ramos da actividade, — do que pelos laços administrativos ou políticos, as Colónias à Metrópole, tornando mais freqüentes, mais vivas e mais intensas as suas relações.

Para isso, iniciou já êste Cruzeiro, desde a sua entrada no Oceano, um perfeito curso de férias, em que doutos professores, sob a direcção do ilustre catedrático Dr. Marcello Caetano, tem dado em pleno Atlântico, a duzentos portugueses de todas as idades e condições sociais, ávidos de conhecer, de descobrir novamente Portugal em todos os quadrantes, as mais completas lições sôbre a história, a situação, a importância económica, social e política das Colónias que hão de percorrer.

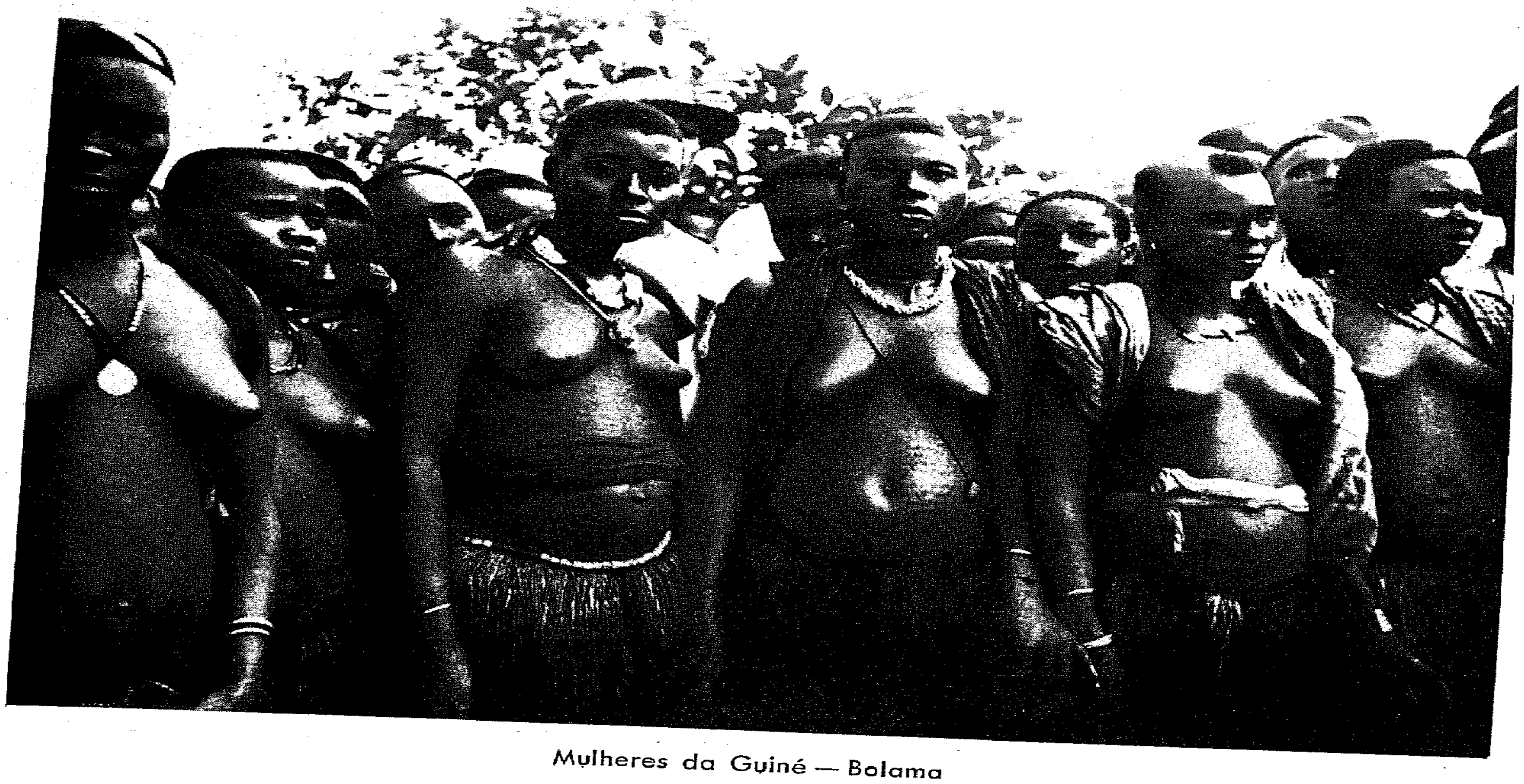
Assim êstes portugueses partirão para a Metrópole com uma idéia muito diversa da África que tinham sonhado; com o conhecimento de belezas, de valores e de aspectos que só vendo de perto poderiam devidamente apreciar.

Essas impressões e conhecimentos que esses 200 portugueses, transmitirão depois, decerto, por todas as províncias de Portugal a muitos milhares doutros portugueses, serão a melhor semente duma futura propaganda colonial, dum melhor conhecimento da grandeza do Portugal Ultramarino.

Agradecendo portanto a V. Ex.as o vosso fraterno acolhimento, espero que V. Ex.as reconheçam também que merece ser assim acolhida esta moderna Cruzada, pelos nobres fins que a inspiraram e que a têm transformado numa verdadeira escola flutuante de patriotismo.



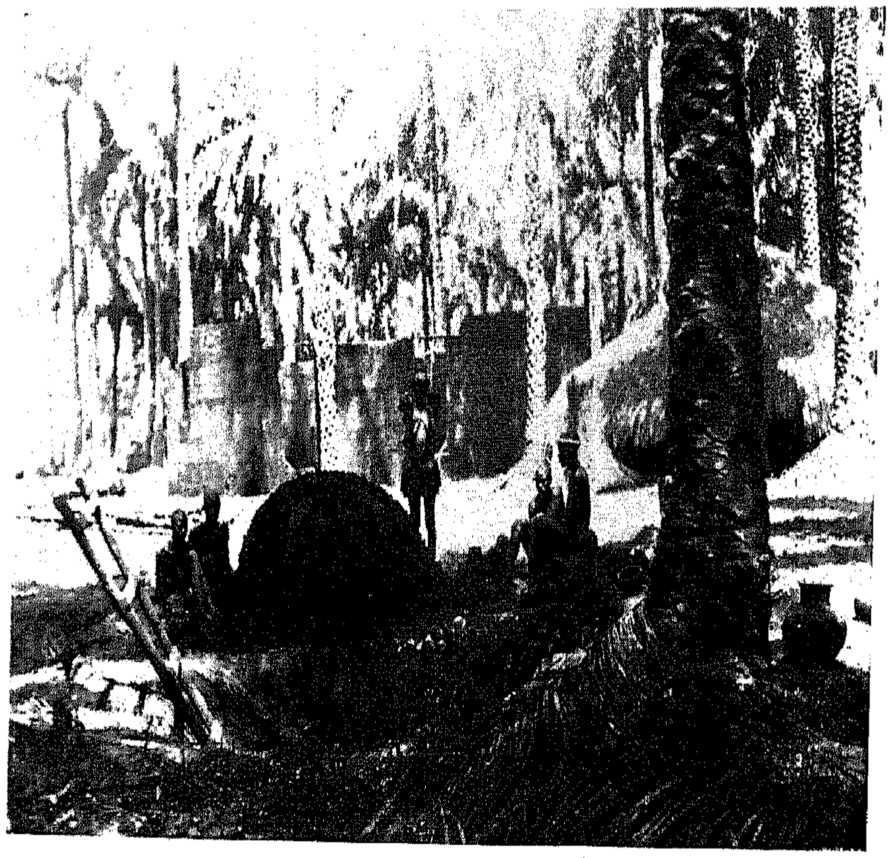
Kebaro (rapaz) — Ilha da Caravela, Bijagós



Mulheres da Guiné — Bolama

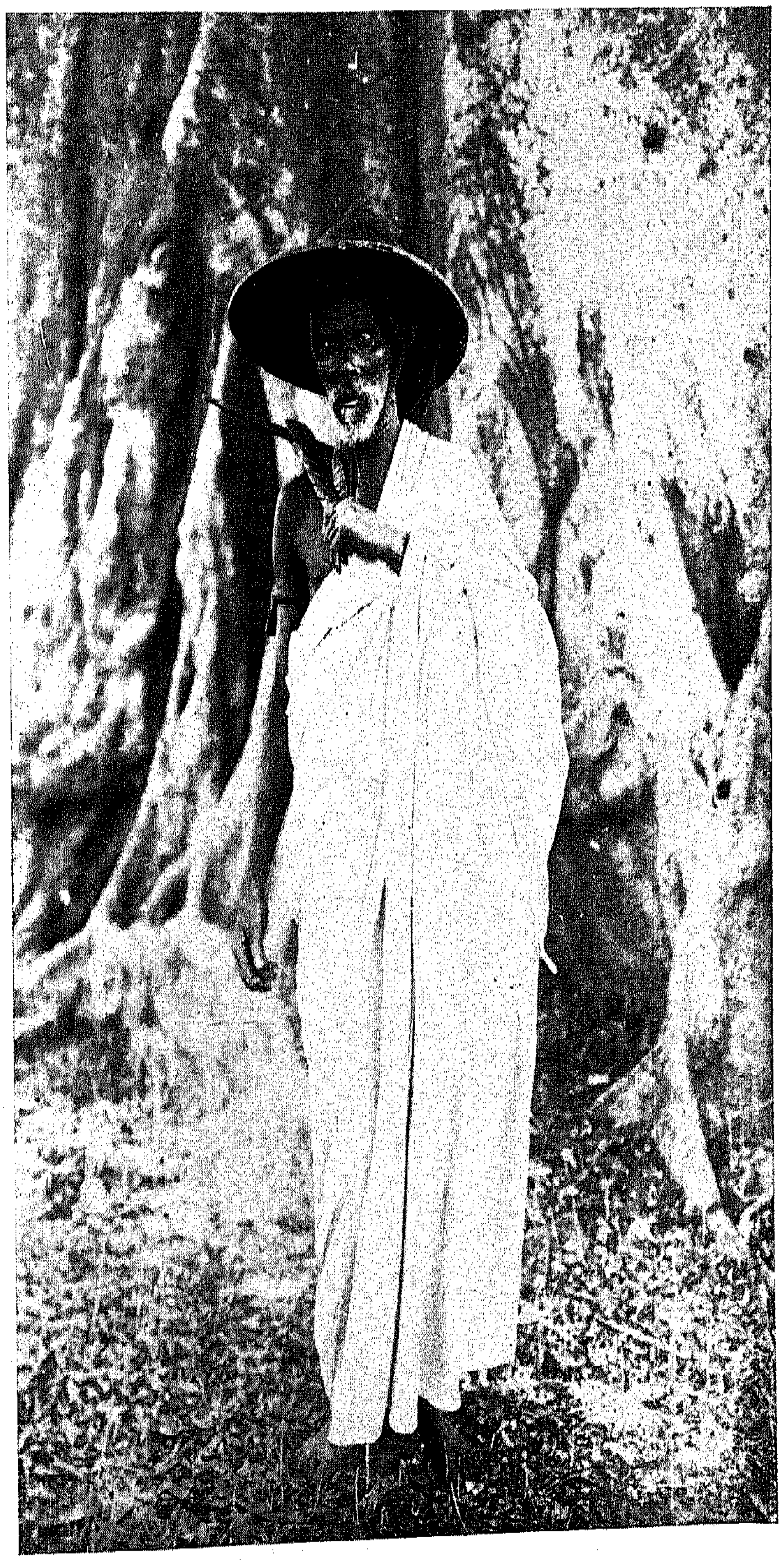
(Cliché de António de S. Ferrão Rebelo)

Friso de mulheres — Bijagós



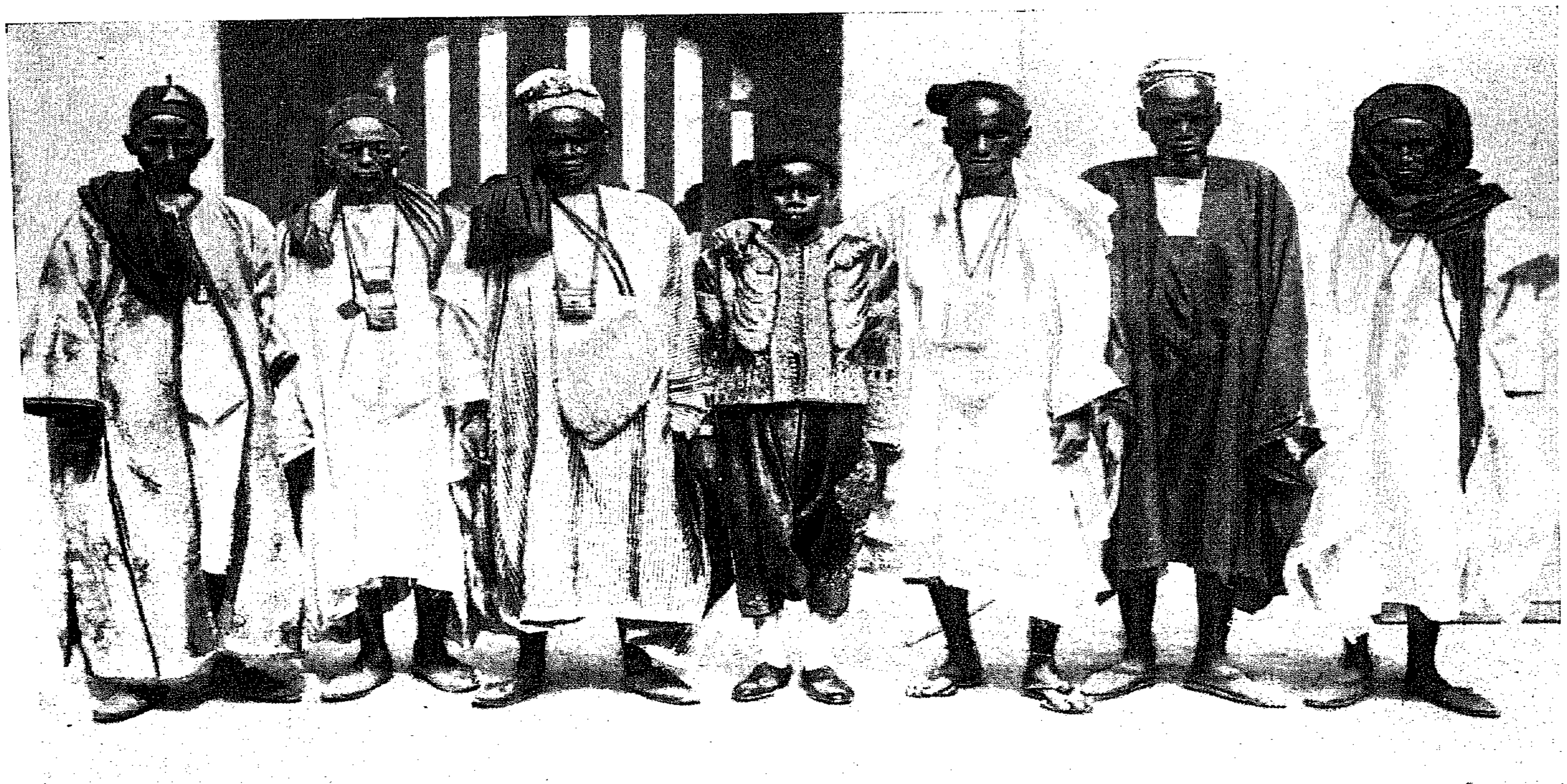
Construção de uma palhota Bijagós

Batuque «Papel» — Ilha de Bissau

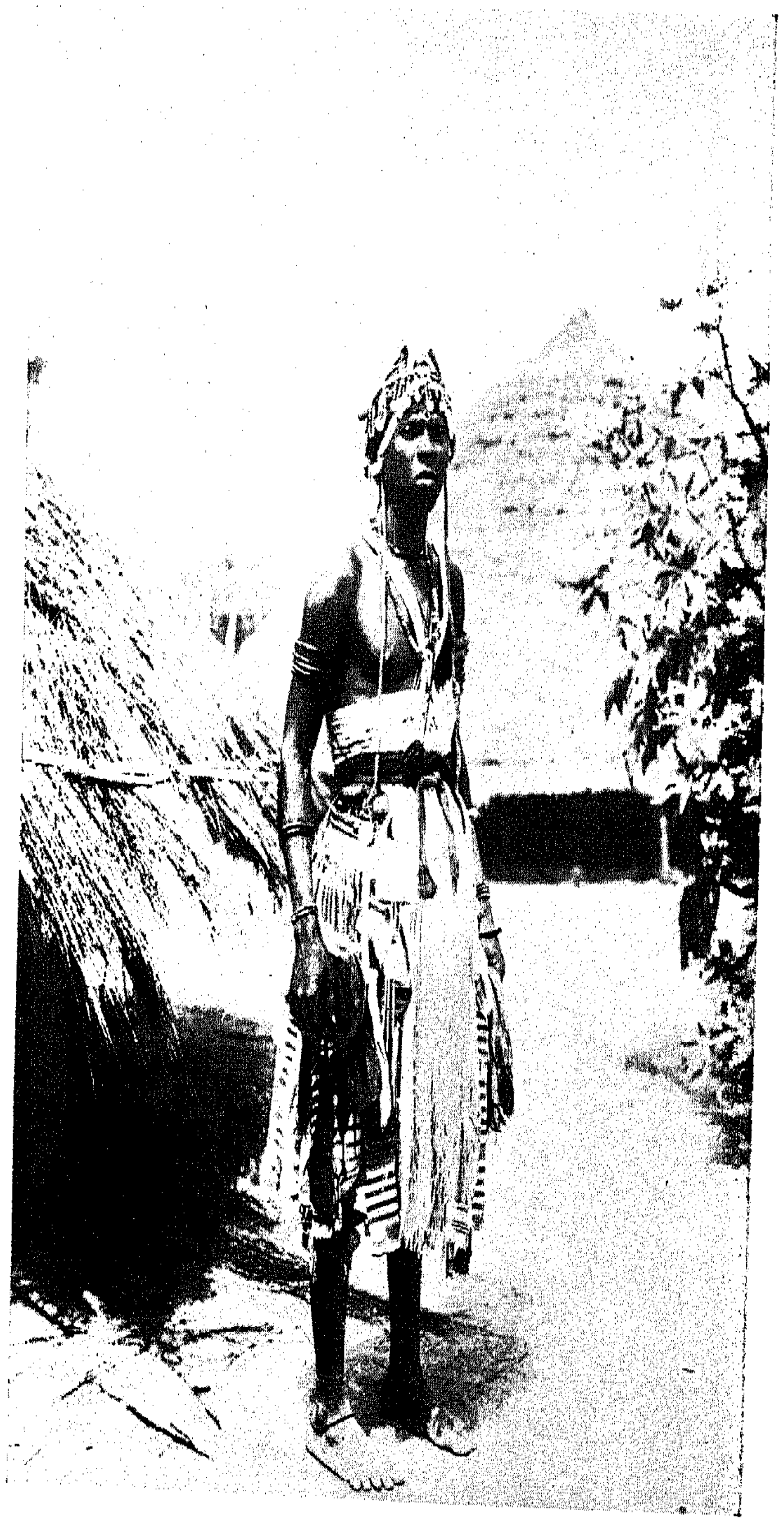


Tipo de velho «Papel» — Ilha de Bissau

Bailado Nalú — Região de Cacine



Circ. civil do Gabú — Grupo de régulos fulas



Circ. civil do Gabú — Fula-Bailarino

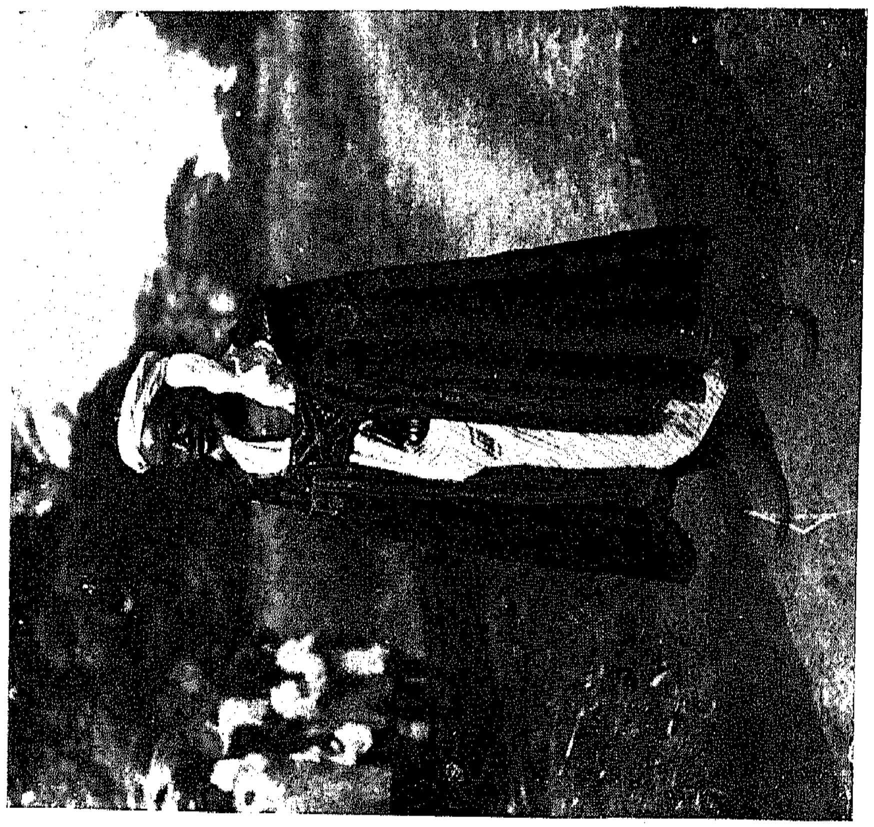
Circ. civil do Gabú — Demba Cumaré (Fula fôrro), régulo de Propana

Circ. civil do Gabú — Futa-fula — Penteado
Filha do Patriarca de Cambor

Mulher futa-fula — Região do Boé

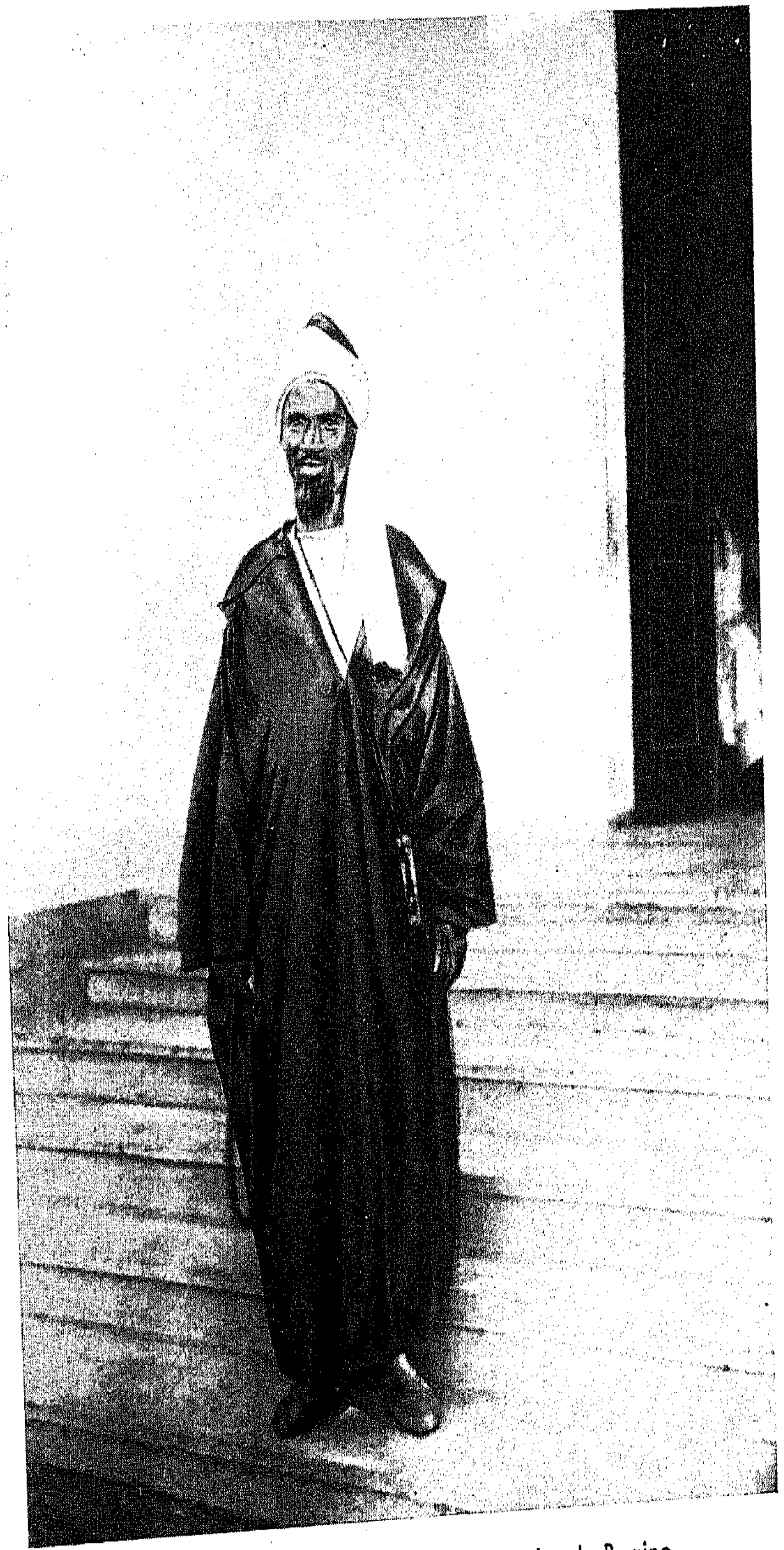
Circ. civil de Fulacunda — Nalús
Uma mulher com seu filho

Circ. civil do Gabú — Futa-fula — Tipo de beleza

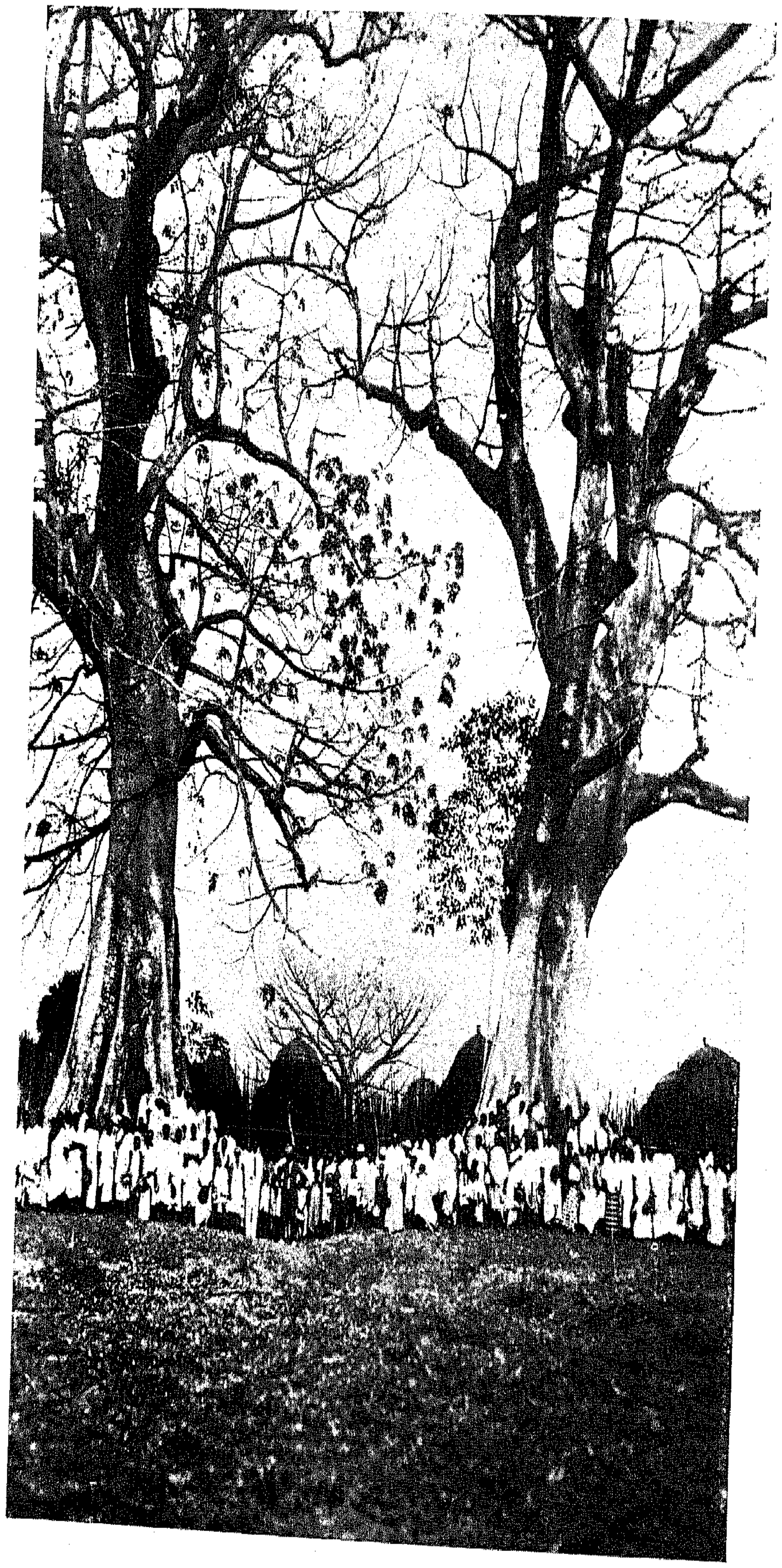


Circ. civil de Bafatá — Mandinga — Trajo rico

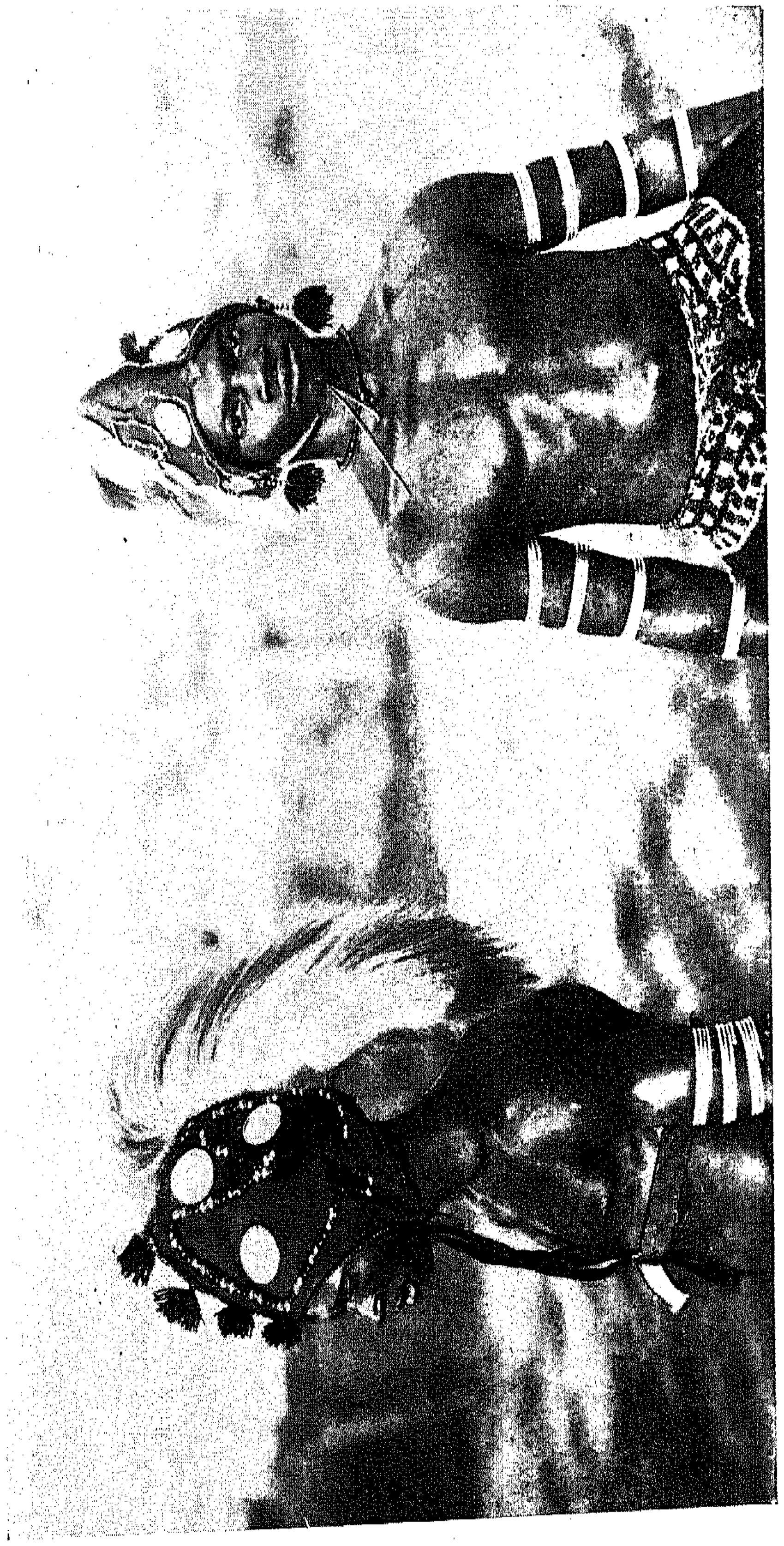
Circ. civil de Bafatá — Mandinga — Trajo de mulher



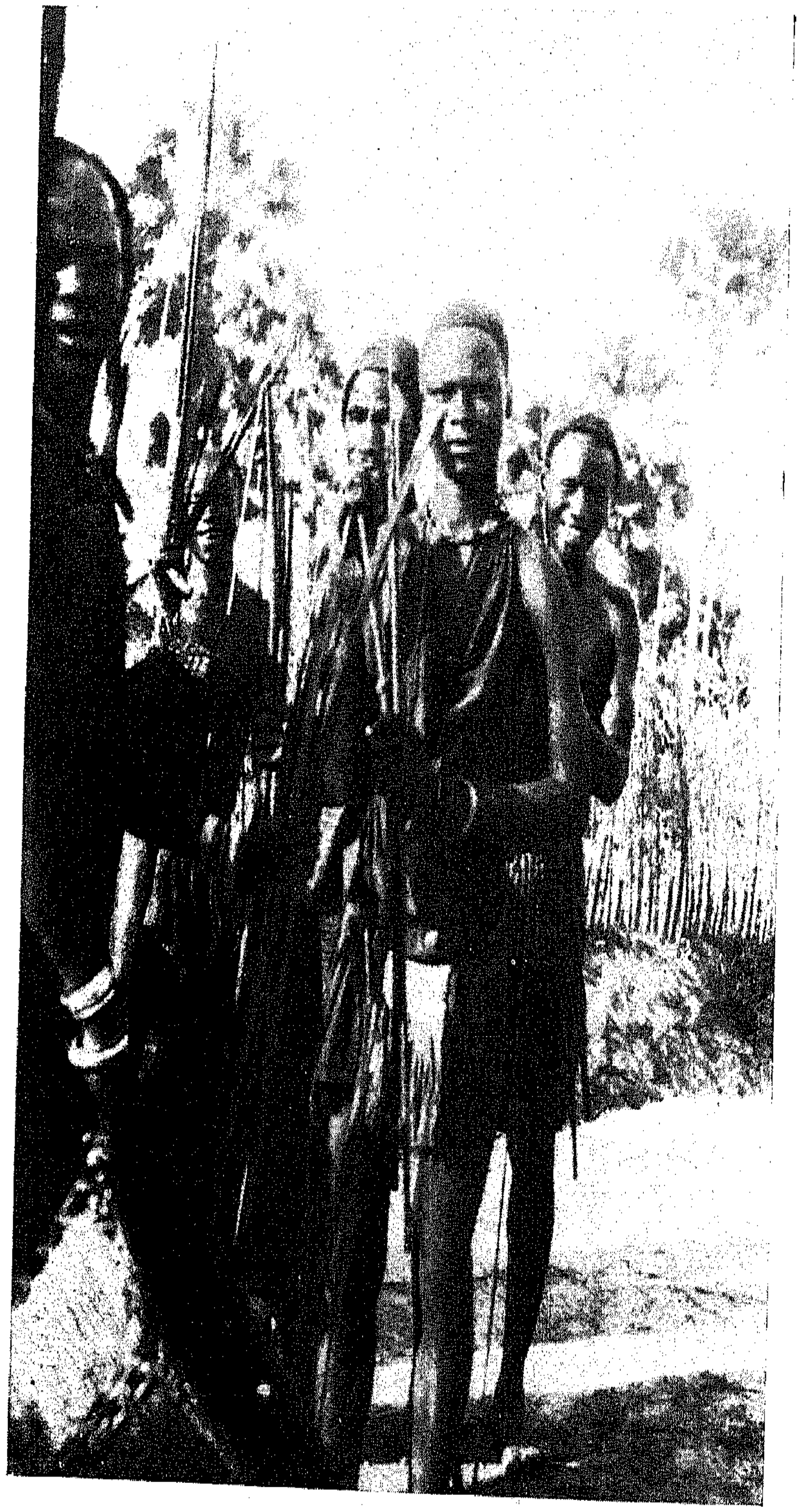
Circ. civil de Bafatá — Mandinga — Padre de Begine



Festa «Mancanha» — Região de Bula



Circ. civil de Canchungo — Mancanhas-Bailarinos



Felupes de Cassolol

BIBLIOGRAFIA
COLONIAL PORTUGUESA

SUBSIDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA DA GUINÉ

Publicada, com referência a Cabo Verde, uma parte dos materiais que possuimos para a organização de uma Bibliografia Colonial Portuguesa, pareceu-nos que não seria destituído de interêsse trazer às colunas de «O Mundo Português», mais alguns dêsses materiais, referentes à Guiné, que teriam um cabimento especial no número que a revista publica dedicado a esta colónia.

Tais como os materiais que reünimos para a Bibliografia Caboverdeana, os que agora publicamos destinados à Bibliografia Guineense dão-nos já uma medida aproximada dos estudos feitos sôbre a Colónia da Guiné, e sua natureza. Como os primeiros, estes, ainda que simples parcela de quanto se tem escrito, oferecemo-los para consulta a quem pretenda estudar a nossa mais curiosa Colónia da Costa Ocidental.

Uma observação temos que fazer a tempo. Os estudos bibliográficos têm seus métodos e regras rigorosamente científicos, sua técnica por vezes difícil. È o caso dos sistemas de catalogação.

Qual seguir na breve bibliografia que apresentamos? A alfabetação onomástica, a didascálica, o sistema ideográfico?

Optámos nós pela catalogação sistemática em que, avizinhando os assuntos afins, dispondo-os o mais hierarquicamente possível e segundo a sua interdependência, se procura corresponder às necessidades dos estudiosos que desejem conhecer por uma forma rápida, geral, e completa quanto possível, a bibliografia sôbre determinado assunto.

1 — **Guiné (Da) e do seu valor no Império** — *Pereira Cardoso (António).* 1935. Lisboa. A. G. C., in Bol., 122-123.

2 — **Guiné** — *Vasconcelos (Ernesto J. de C. e).* Cap. da obra «As Colónias Portuguesas» pgs. 101-178. 1921. Lisboa.

3 — **Guiné (A)** — *Leite de Magalhãis (A.).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.

4 — **Guinée (La)** — 1927. Lisboa. Ed. Agência Geral das Colónias.

5 — **Guiné (Relatório do Governador)** — *Velez Caroço (Jorge Frederico).*

6 — **Guiné (Relatório)** — *Gouveia (Pedro Inácio).* 1882.

7 — **Guiné Portuguesa** — *Vasconcelos (Ernesto).* 1917.

8 — **Guiné Portuguesa (Comunicação)** — 1882. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 3.ª, VIII.

9 — **Guiné Portuguesa** — *Geraldes (Francisco António Marques)*. 1887. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 7.ª, VIII.

10 — **Guiné Portuguesa** — *Senna Barcelos (Cristiano José de)*. 1908. Lisboa.

11 — **Guinée (La) portugaise** — *Astriê (Max)*. 1885. Lisboa. S. G. L., in Bol., Série 5.ª, IX.

12 — **Guinée (La) Portugaise — Subsides pour son étude** — *Pereira (Carlos)*. 1914. Lisboa.

13 — **Memória da Província da Guiné** — *Morais e Castro (Armando Augusto Gonçalves de)*. 1928. Bolama.

14 — **Província da Guiné Portuguesa (Relatório)** — *Correia e Lança (Joaquim da Graça)*. 1890. Lisboa.

15 — **Província da Guiné Portuguesa — Descripção geral do país** — *Costa (Aleixo Justiniano Socrates da)*. 1883. Lisboa. S. G. L., in Bol., Série 4.ª, II, III, IV.

16 — **Apontamentos sôbre a Guiné Portuguesa** — Lisboa. P. A. Vol. XV p. 231.

17 — **Estudos sôbre a Guiné e Cabo Verde** — *Sousa Monteiro (José de)*. in Panorama. Tom. X e XII.

18 — **Notice sur la Guinée portugaise avec carte geografique** — *Valdansa (Marquis de Liveride)*. 1910. Biarritz.

19 — **Subsidio para a História de Cabo Verde e Guiné** — *Senna Barcelos (Cristiano José de)*. 1899-1913. Lisboa. 3 vols.

20 — **Madeira, Cabo Verde, Guiné (Precedida de uma carta prefácio por D. António de Lencastre** — *Martins (João Augusto)*. 1891. Lisboa.

21 — **Capverdischen (Von der) Inseln nach Bolama** — *Greeff (R.)*. in Globus, XLVI, 121 e 137.

22 — **Ensaios sôbre a estatistica das possessões portuguesas na África Ocidental e Oriental etc.** — *Lopes de Lima (José Joaquim)*. 1844. Lisboa. 3 vol.

23 — **Estudos sôbre as provincias Ultramarinas** — *Andrade Corvo (João de)*. 1883. Lisboa. 2 vol., in vol. I.

24 — **Anuário da Provincia da Guiné** — *Morais e Castro (Armando Augusto Gonçalves de)*. 1925.

25 — **África Nostra** — *Cortesão (Jaime)*. 1925. Lisboa. A. G. C., in Bol. 1.

26 — **África Nostra — III — O Ambito da Obra do Infante** — *Cortesão (Jaime)*. 1926. Lisboa. A. G. C., in Bol. 10.

27 — **Onde era o Cabo dos Mastros dos nossos navegadores** — *Cortesão (Armando Zusarte)*. 1926. Lisboa. A. G. C., in Bol. 8.

28 — **Crónica do descobrimento e conquista da Guiné. Precedida de uma introdução pelo Visconde de Santarem** — *Azurara (Gomes Eannes de)*. 1841. Paris.

29 — **Subsidios para a História do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde** — *Cortesão (Armando Zusarte)*. 1931. Lisboa. A. G. C., in Bol. 7.

30 — **Discoveries (The) of Prince Henry the Navigator** — *Major (Rich. H.)*. 1877. London. Cap. XI: Cadamosto, 1455-56.

31 — **Vida do Infante D. Henrique de Portugal, O Navegador** — *Major (Rich. H.)*. Trad. por José António Ferreira Brandão. 1876. Lisboa. Cap. V: Cadamosto.

32 — **Life (The) of Principe Henry of Portugal, surnamed the Navigator** — *Major (Rich. H.)*. 1868. London. Cap. XI: Cadamosto, 1455-56.

33 — **Qualiter fuit inventa Aethiopia australis quae nunc Guinea nuncupata est, quam inventionem retulit Diogo Gomes Martino de Bohemia** — *Gomes de Cintra (Diogo)*. Schmeller, in Ueber Valentim Fernandez Alemã p. 18.

34 — **Relações (As) do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açôres, Madeira e Cabo Verde** — *Gomes (Diogo)*. Versão do latim por Gabriel Pereira. 1898-1899. S. G. L., in Bol., Série 17.ª, V.

35 — **Relação histórica da Missão do Reyno da Guiné** — *Faro (Fr. André de)*. Ms. Impresso na Crónica da Província da Piedade. Liv. 5. Cap. 27 a 30. 1696. Lisboa.

36 — **Relação anual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus, na India, China, Japam, Ethyopia, Guiné, Serra Leôa e Brasil nas anos de 1600 a 1608** — *Guerreiro (Padre Fernam)*. 1613. Lisboa.

37 — **Relações anuaes da história das missões dos Jesuitas na Guiné** — *Fernão Guerreiro*.

38 — **Fortaleza (A) de S. Jorge da Mina, glorioso padrão do Império** — *Frazão de Vasconcelos*. 1934. Lisboa. Separata da rev. «O Mundo Português».

39 — **Influência (Da) exercida nos povos da Guiné pelas principais culturas que, em épocas pre-históricas, penetraram no continente Africano** — *Pereira Cardoso (António)*. 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.

40 — **Dicionário Geográfico das províncias e possessões portuguesas** — *Sousa Monteiro*. 1850. 1 vol.

41 — **Corographia Cabo-Verdiana, ou descripção geographico-histórica da Provincia de Cabo Verde e Guiné** — *Chelmicki (José Carlos Courado de)* e *Varnhagen (Francisco Adolfo de)*. 1841. Lisboa.

42 — **Descripção Geográfica daquela parte da África chamada Guiné** — *Alvares (Padre Manoel)*. Ms.

43 — **Descripção da Guiné, e das varias nações, que a povoão, seus costumes, Leys, Ritos, e Cerimonias, Guerras, Armas, Trajes, qualidades dos postos e comercios, que nellas se fazem** — *Andrade (Lucas de)*. Ms. É-lhe atribuida a autoria por João Franco Barreto.

44 — **Descripção da Costa da Guiné, e situação de todos os portos, e rios della, e Roteiro para se poderem navegar todos seus Rios** — *Lemos (Francisco de)*. 1864. Ms. fol. na livraria dos P. P. da Côrte.

45 — **Descripção da Costa da Guiné desde Cabo Verde até à Serra da Leôa, com todas as Ilhas e Rios a que os brancos assistentes nela navegam** — *Azevedo Coelho (Francisco de)*. 1669. Ms. N.ºs 307 e 309 dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa.

46 — **Descripção e Roteiro da Costa Ocidental da África** — *Castilho (Alexandre Magno)*. 1866-7. Lisboa. 2 vol.

47 — **Relação da sua navegação à Costa da Guiné e Índia** — *Cintra (Pedro de)*.

48 — **Tratado breve dos rios da Guiné do Cabo Verde desde o rio Sanagá até aos baixos de Sant'Ana** — *Alvares de Almada (André)*. 1841. Porto.

49 — **Guiné Portuguesa (Rios)** — *Barros (M. M. de)*. 1885. Lisboa. S. G. L., in Bol., Série 5.ª, III.

50 — **Guia para o uso das cartas dos ventos e correntes do Golfo da Guiné** — *Capelo (J. C. de Brito)*. 1961. Lisboa. folh. 63 pp.

51 — **Guiné Portuguesa (Esbôço cartográfico)** — *Oliveira (E. J. da Costa)*. 1888-1889. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 8.ª, pg. 297.

52 — **Viagem à Guiné Portuguesa** — *Oliveira (E. J. da Costa)*. 1890. Lisboa. Extr. do Bol. S. G. L.

53 — **Guiné Portuguesa (Viagem à)** — *Oliveira (E. J. da Costa)*. 1888-1889. Lisboa. S. G. L., in Bol., Série 8.ª, XI, XII.

54 — **Nas florestas da Guiné** — *Quintinha (Julião)*. Cap. da obra «África misteriosa» pg. 71-98. s/d. Lisboa.

55 — **Um mês na Guiné** — *Correia de Almeida (Januário)*. 1859. Lisboa.

56 — **Voyage en Guinée** — *Labat*. 1730. 4 vols.

57 — **Voyage dans l'ile d'Orango (Guinée portugaise)** — *Astriê (Max)*. 1886. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 6.ª, I.

58 — **Voyage dans la Sénégambie et la Guinée Portugaise** — *Brosselard (Cap. H.)*. 1889. in Tour du Monde.

59 — **Notes d'un voyage en Afrique Occidentale** — *Madroll (Cl.)*. 1904. Paris.

60 — **Habitants (Les) de la Base-Casamance** — *Maclaud (Dr.)*. 1907. Sté. de Geogr. Com. de Paris. in Bol. XXIX-3.

61 — **Bijonga (The) or Bissagos islands** — *Stallibrass (Edw.)*. Geog. Soc. London. Proced., neu sér. XI, 595.

62 — **Rapport sur les iles Formosa, Caraxa et Caravela (Archipel Bissagos, Guinée Portu-**

gaise) — *Bobe (Alered H. V.).* Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 31.ª, pg. 299.

63 — Dawn (The) of Modern Geography—*Beazley.* 1909. Tomo III, pg. 430.

64 — Tese sôbre antropologia — *Pires de Lima.* 1930. Congresso Internacional de Antropologia.

65 — Etnografia da Guiné — *Menezes (Victor Hugo de).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 46.

66 — Guiné Portuguesa. Breve notícia sôbre alguns dos usos, costumes, línguas, e origens dos seus povos — *Barros (Pe Marcelino Marques de).* 1882. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 3.ª, XII.

67 — Guiné (Costumes, usos e trajos)—*Wahlen (Augusto).* Cap. da obra «Costumes, usos e trajos de todos os povos do Mundo». Trad. de Francisco L. de S. Freitas Sampaio. 1874. Lisboa. 3 vol. Vol. III-135.

68 — Babel Negra (Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné) — *Simões (Landerset).* 1935. Porto.

69 — Afrikanische Musik-Instrument (bes. aus Portugiesisch-Guinea)--*Bernatzik (Hugo Adolf).* 1934. in Atlantis, Vol. 6, fasc. 11.

70 — Kleidermoden (Von den) der schwarzen Volker (in Portugiesisch-Guinea) — *Bernatzik (Hugo Adolf).* 1934. in Atlantis, Vol. 6. fasc. 7.

71 — Meine Fahrt in unbekanntes Westafrika (Portugiesisch-Guinea)-*Bernatzik (Hugo Adolf).* 1934. in Daheim. Vol. 71, fasc. 6.

72 — Meine Fahrt in unbekanntes Westafrika (Portugiesisch-Guinea — *Bernatzik (Hugo Adolf).* 1932-3. Vol. 47, in Verhagen & Klasings.

73 — Langue (De la) créoule de la Guinée Portugaise — *Bocaudé.* Paris. Soc. Geogr. Vol. XII, Se. 3.ª.

74 — Neue Arten von Guinea dem Kong und den Quango — *Buttner (Dr. Richard).* Separat-Abdruck aus den Abbadlungen des Botanischen Vereins der Provinz Brandenburg XXXI. s/d. Berlin.

75 — Pequeno vocabulário do dialecto Pepel — *Lopes Cardoso (Henrique).* 1902. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 20.ª, X.

76 — Gramaire de la langue oulof — *Boilat.* 1859.

77 — Dictionnaire Français-Wolof — *Dard.* 1826.

78 — Literatura dos Negros — *Barros (M. Marques de).* 1900. Lisboa.

79 — Peixes de água dôce da Guiné Portuguesa — *Osório (Baltazar).* 1915. Lisboa. Memórias do Museu Bocage.

80 — Lista dos Reptis e Batráchios da Guiné — *Betencourt Ferreira (M. J.).* 1902. Lisboa. in J. S. M. F. e N. da Acad. Cien.

81 — Principais insectos hematófagos da Guiné Portuguesa—*Sant'Ana Barreto (J. V.).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.

82 — Plantas úteis da África Portuguesa — *Ficalho (Conde de).* 1884. Lisboa.

83 — Notas sôbre a Flora da Guiné Portuguesa — *Gomes e Sousa (António de Figueiredo).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.

84 — Subsídios para o conhecimento da Flora da Guiné Portuguesa—*Gomes e Sousa (António de Figueiredo).* 1930. Lisboa. A. G. C., in Bol. 59, 60, 61.

85 — Catalogue (A) of some Guinea-plants, with their native names and virtues — *Smith (John)* e *Petiver (James).* in Royal Soc. London. Philos. Trans. XIX, 677.

86 — Colecção de várias plantas medicinais da Guiné Portuguesa — *Costa (Camilo Lima da).* Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 16.ª, pg. 69.

87 — Explorações (As) phyto-geográficas da África Tropical, e da Guiné inferior, executadas pelo Dr. Friedorich Welwitsch — *Gomes (Bernardo António).* Lisboa. in J. S. M. P. e N. IV, 151.

88 — Journal of the voyage of Niger of Dr. J. R. T. Vogel in Niger Flora — *Hoocker (J.).* 1849.

89 — Agricultura da colónia da Guiné — *Baptista (Manuel Martins).* 1934. Lisboa. A. G. C., in Bol 104.

90 — Agricultura da Guiné (Relatório sôbre a) — *Fonseca (Joaquim Machado).*

91 — Em prol da Agricultura da Colónia da Guiné—*Baptista (Manuel Martins).* 1932. Lisboa. A. G. C., in Bol. 89.

92 — Em prol da Agricultura da Guiné — *Baptista (Manuel Martins).* 1933. Lisboa. A. G. C., in Bol. 98, 99.

93 — Exploração agronómica em Cabo Verde e Guiné — *Arpoare (H. de).* 1882. Lisboa. in Bol. Série 3.ª, VI.

94 — Lavoura (A) mecânica na Guiné Portuguesa *Godinho (Mário).* 1925. Lisboa. A. G. C., in Bol. 4.

95 — Congrés International d'Agriculture tropicale et sub-tropicale — 1931. Paris.

96 — Mancarra (A) — *Barros (M. Marques de).* Lisboa. in R. P. C. M. ano I, 2.º Sem. pg. 765.

97 — Notas sôbre a Palmeira do Azeite na Guiné Portuguesa - *Cortezão (Armando Zuzarte).* 1925. Lisboa. A. G. C. in Bol. 2.

98 — Guiné (A) e a colonização Agrícola — *A. F.* Lisboa. R. P. C. M. ano III, pg. 222.

99 — Guiné (A) e os preceitos da Colonização Científica — *Leite de Magalhãis (A.)*. 1932. Lisboa. A. G. C., in Bol. 85.

100 — Portugueses (Os) e o gentio — *Sousa Viterbo.* 1896. Coimbra. pg. 31.

101 — Direcção (Da) dos Serviços e Negócios Indígenas — *Ponces de Carvalho (José Peixoto).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.

102 — Guiné (A) como Colónia de Comércio e de Plantação — *Cortesão (Armando).* 1928. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 46.ª, VII, VIII.

103 — Guiné (A) como Colónia de Comércio e Plantação — *Cortesão (Armando Zuzarte).* 1928. Lisboa. A. G. C., in Bol. 37.

104 — Defesa (A) das vítimas da Guerra de Bissau — O extermínio da Guiné — 1916. Lisboa. folh. 90, pgs. 00.

105 — Algumas notas sôbre a nosologia da Guiné — *Pinto (J. V.).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.

106 — Direcção dos Serviços de Higiene da Colónia da Guiné (Relatório) — *Pinto (Dr. José Vitorino).*

107 — Doença do sono da Guiné Portuguesa — *Sant'Ana Barreto (Dr. J. V.).* 1926. Lisboa. A. G. C., in Bol. 60.

108 — Sôbre a doença do sono na Colónia da Guiné (Relatório) — *Sant'Ana Barreto (Dr. J. V.).* 1928. Bolama.

109 — Relatório duma missão médico-veterinária à Guiné em 1923 — *Monteiro da Costa (A.).* 1925. Lisboa. A. G. C., in Bol. 6, 7.

110 — Memória sôbre o estado actual da Senegâmbia portuguesa — *Pereira Barreto (Honorio).* 1846. Lisboa.

111 — Guiné — Alguns aspectos inéditos da actual situação da Colónia (comunicação apresentada à S. G. L.) — *Loureiro da Fonseca (Alfredo).* 1915. Lisboa.

112 — Subsídio para o estudo da Administração na Guiné Portuguesa — *Loureiro da Fonseca (A.).* 1912. Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 30.ª, II.

113 — Guiné — Finanças e economia (Memórias dos alunos — Escola Colonial) — *Loureiro da Fonseca (Alfredo).* 1910. Lisboa. fol. 18 Pgs. 00.

114 — Guiné (comunicação) *Loureiro da Fonseca (A.).* 1905. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 23.ª, 11.

115 — Subsídios para a História Militar e da ocupação da província da Guiné — *Ramos da Silva.* 1915. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 33.ª, 9 e 10.

116 — Guerra (A) da Guiné (1907-1908) — *Pinheiro Chagas (Frederico).* 1910. Lisboa. 18 pgs.

117 — Guiné Portuguesa (Uma comissão de Engenharia Militar) — *Barahona e Costa (Henrique Cesar da Silva).* 1901. Lisboa.

118 — Ocupação da Guiné (Monografia das Campanhas militares para a) — Tributo de Sangue — *Silva Loureiro (António da).* 1934.

119 — Campanha (A) da Guiné — *Nunes da Ponte (Coronel).*

120 — Campanha (Uma) portuguesa na Guiné — *E. B.* P. A. Vol. I.

121 — **Guinée (La) portugaise et les possessions françaises (conferência)** — *Brosselard (H.).* 1889. Lille.
122 — **Prétensions des Portugais sur les Côtes de Guiné** — *Rousset.* Cap. in «Les interêts présens et les pretensions des puissances de l'Europe». 1736. La Haye.
123 — **Délimitation (La) de la Guinée Portugaise** — *Lemoine (Frédéric).* «Geographie» cap. VIII, 408.
124 — **Zaire (O) e a Guiné Portuguesa (Conferência)** — *Magalhães (Carlos de).* 1885. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 5.ª, 3.
125 — **Questão dos direitos de Portugal à soberania da ilha de Bolama e outros pontos da Guiné (Documentos relativos à)** — 1870. Lisboa. 1 vol.
126 — **Guiné Portuguesa (Documentos)** — Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 3.ª, pg. 492.
127 — **De Geba ao Indormal — Guiné Portuguesa (Documentos oficiais)** — 1882. Lisboa. S. G. L., in Bol. Série 3.ª, 11.
128 — **Breves apontamentos para a História política do Forriá** — *Teixeira de Barros (Alberto Xavier).* Lisboa. S. G. L. in Bol. Série 15.ª, pg. 335.
129 — **Guiné (A) Portuguesa sob o ponto de vista político e económico** — *Rodrigues (Alexandre dos Prazeres).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.
130 — **Missão (A) geográfica, comercial e agricola da Guiné** — *C. O.* Lisboa. R. P. C. M. ano I, 1.º e 2.º Sem.
131 — **Guiné — Notas sobre o movimento comercial** — *Sá (Caetano de).* 1929. Lisboa. A. G. C., in Bol. 44.

Notação das abreviaturas empregadas:

A. G. C. — Agência Geral das Colónias.
S. G. L. — Sociedade de Geografia de Lisboa.
P. A. — Portugal em África.
R. P. C. M. — Revista Portuguesa Colonial e Marítima.
J. S. M. P. N. — Jornal de Sciencias Matemáticas Phisicas e Naturais da Academia de Sciencias de Lisboa.

FLORÊNCIO J. S. PIRES

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA

ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA / CAPITAL: BEIRA

Esta região, com a superfície de 134.000 quilómetros quadrados, é considerada uma das mais férteis do continente africano, destacando-se na sua produção agrícola, o milho, o açúcar e o algodão. O porto da Beira, dotado de cais acostável e magnìficamente apetrechado, é servido por duas linhas férreas que ligam o território às regiões limítrofes de Oeste e do Norte. A construção da ponte sôbre o Zambeze aumentou a zona de influência económica do porto, facilitando as suas comunicações com a Nissalândia.

PARA INFORMAÇÕES:

EM LISBOA:

Largo da Biblioteca Pública, 10
(Sede da Companhia)

NA BEIRA:

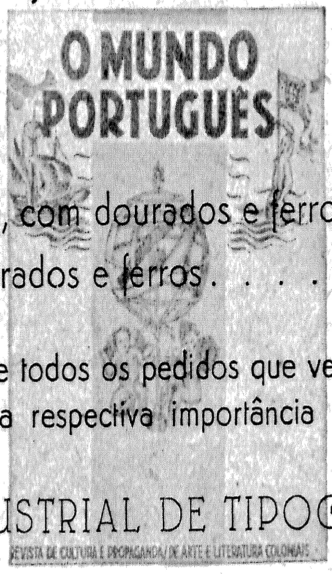
Secretaria Geral do Govêrno
do Território.

NDER. TELEGRÁFICO: SANTALINE-LISBOA // TELEFONE 26086

epresentante ara as Colónias **Alvaro de Lacerda** Rua do Alecrim, 21 // Lisboa

CAPAS

PARA ENCADERNAÇÃO DE «O MUNDO PORTUGUÊS»



Capa de luxo, em pele, com dourados e ferros . . . . **25$00**
Em percalina com dourados e ferros . . . . **12$00**

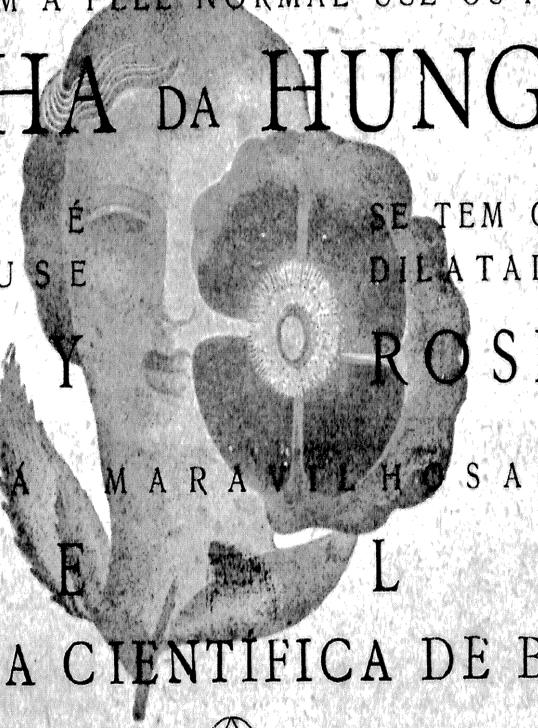
Satisfazem-se todos os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância e do porte.

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TIPOGRAFIA, LIMITADA

RUA ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5 (AO CARMO) - LISBOA - TELEF. 27956

SE V. EX.ª TEM A PELE NORMAL USE OS PRODUTOS

RAINHA DA HUNGRIA



SE ELA É OLEOSA USE **OLY**

SE TEM OS POROS DILATADOS USE **ROSIPOR**

E FICARÁ MARAVILHOSAMENTE **BELA**

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Mᵉ CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 35

DE

GARRAFAS

É o consumo anual das afamadas águas minerais de

Vidago
Pedras Salgadas
Sabroso Melgaço

◆

À VENDA EM TODA A PARTE

NOTA — O MINISTÉRIO DA MARINHA E ENTIDADES PARTICULARES TAMBÉM POSSUEM OFICINAS, DOCAS SECAS E MATERIAL MARÍTIMO DIVERSO

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

ADMINISTRAÇÃO GERAL DO

PORTO DE LISBOA

SÉDE - CAIS DO SODRÉ

TELEFONES 2 5001/3

AREAS — molhada 8.515 hectares — terrestre utilisável 1.967.682 m^2, sendo 102.285 m^2 de área coberta. CAIS ACOSTAVEIS — Com 12 km,255 (cérca de 1 km em construção). Rapidez, economia e facilidades para tôdas as operações de mercadorias e passageiros. VIAS FÉRREAS — Cérca de 22 km de comprimento nos entrepostos e cais, ligados à rede ferroviária do País. DOCAS DE ABRIGO — Oito (duas em construção) com 450.000 m^2 de área molhada total. CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO — Duas, respectivamente com 120 e 150 m de comprimento. OFICINAS DE CONSTRUÇÃO NAVAL — Oficinas de construção e reparação de navios, convenientemente apetrechadas. DOCAS SECAS — Cinco, cujos comprimentos vão de 42 a 180 m. WARRANTS — Facilidades para o comércio pela emissão de Warrants que mobilisam a mercadoria, permitindo assim realisar de pronto a maior parte do seu valor e esperar melhor oportunidade para a sua venda, alargando o comerciante por esta forma os seus negócios. MATERIAL MARÍTIMO — Rebocadores, dragas, barcas de água e batelões diversos, em número conveniente para os serviços do porto. GUINDASTES — Hidraulicos, a vapor e electricos, terrestres e flutuantes, potência elevatória até 100.000 kg

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreira rápida da Costa Oriental

Saídas de Lisboa no 2.º sábado de cada mês pelas 12 horas, com escala por: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Loanda, Porto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique, e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação em Loanda ou Lourenço Marques.

Carreira rápida da Costa Ocidental

Saídas de Lisboa no 3.º sábado de cada mês pelas 14 horas, com escala por: S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela, e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Loanda.

Carreira da Guiné

Saídas de Lisboa de 40 em 40 dias, pelas 12 horas, com escala por: Funchal, S. Vicente, Praia, Dakar e Bolama

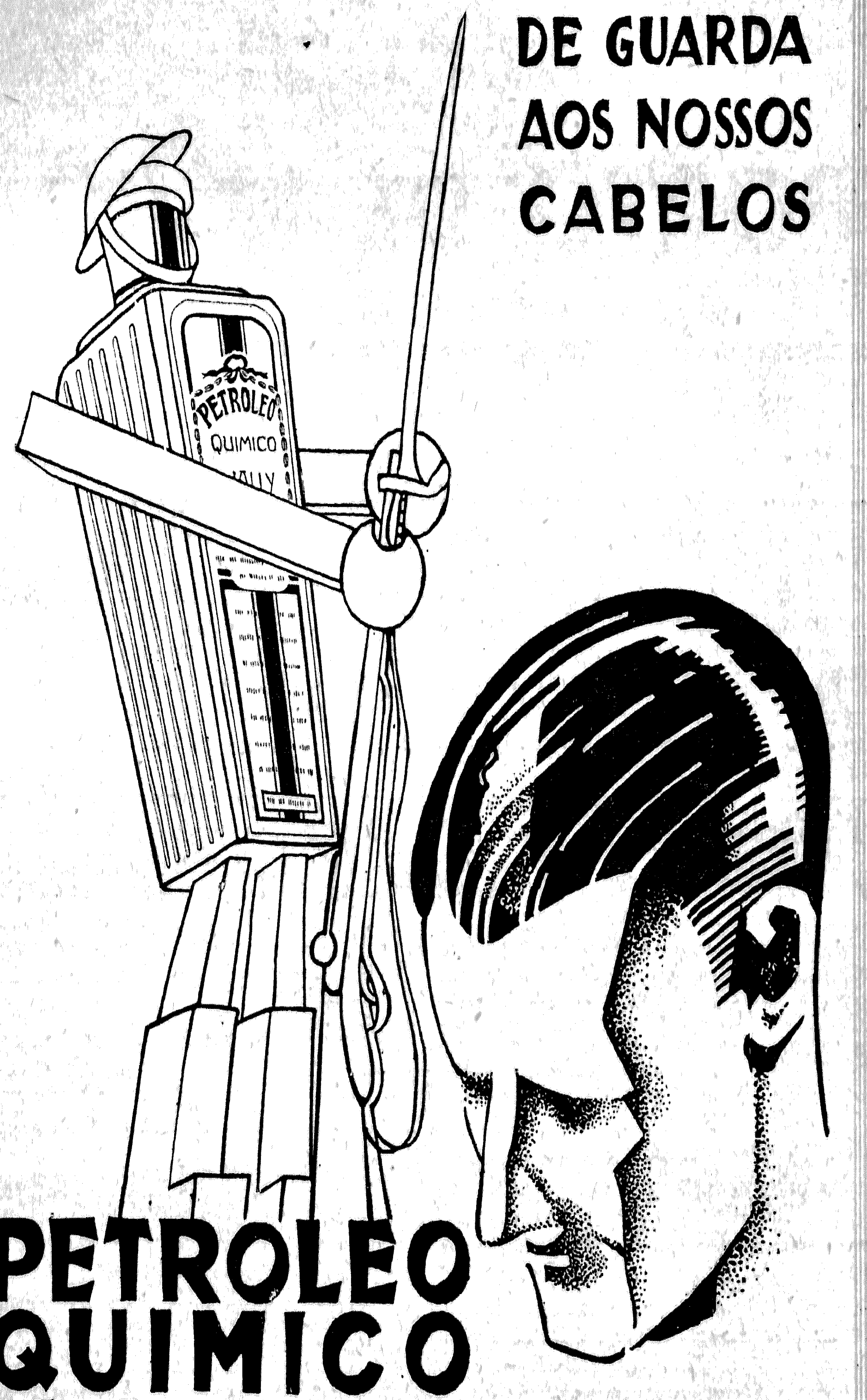
Carreira do norte da Europa. Serviço de carga

Saídas mensais entre 25 a 28 com os vapores MALANGE e LOBITO
Com escala por: Leixões, Hamburgo, Rotterdam e Anvers

LISBOA / RUA INSTITUTO VERGÍLIO MACHADO, 14 / TELEF. 2 0052
PORTO / RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9 / TELEF. 2342

A SENTINELA

QUE ESTÁ DE GUARDA AOS NOSSOS CABELOS



PETROLEO QUIMICO NALLY

15$

INFORMADOR
COMERCIAL E INDUSTRIAL

«O Mundo Português» chama a atenção dos seus leitores p.^a as páginas de informação permanente que, numa rápida consulta, lhes proporcionam o conhecimento das casas que lhes interessam para as suas transacções da vida cotidiana.

Banco **de Angola**—R. da Prata, N.º 10-22. Banco Emissor de Angola. Todas as transacções bancárias

Papéis Os melhores do mercado são os da Companhia do Papel do Prado!... Fábricas no Prado, Louzã, Albergaria-a-Velha. Escritórios: Rua dos Fanqueiros, 270-278 / Lisboa

Companhia **Colonial de Navegação** - Carreiras rápidas para as Colónias Portuguesas. Rua Instituto Virgílio Machado, 14 / Lisboa

Companhia **Nacional de Navegação** - Carreiras rápidas para as colónias da Africa Oriental e Ocidental Portuguesa. R. do Comércio, 85 / Telef. 23021 / Lisboa.

Chapéus de feltro merino e lã grossa. — Fabrico especial de «A Social» de Francisco Leite Soares de Rezende / Arrifana. Vale do Vouga / Telefone 5

Chapéus e feltros para senhoras e homens. Nunes da Cunha & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegr.: «Condestável» / Telefone: 42

Comércio **Geral**— A. Henriques & C.ª, Limitada. Rua Oliveira Júnior / S. João da Madeira. Endereço Telegráfico: «Fabtriunfo» / Telefone 25

Côlchas e atoalhados da Fábr. de Tecidos de S. Miguel, são os que mais garantias oferecem. Pedidos a Aristeu, Lopes & Oliveira, Lda. / Guimarães / Telefone 23

Ourivesaria **Aliança** / Celestino da Motta Mesquita. Oficina de Ourivesaria, Joalharia, Pratarias cinzeladas, etc. / R. das Flores, 191 a 211 / Tel. 1541 / Teleg. «Joias» / Pôrto

Telha e Tijolos de todas as qualidades. Vendem: Companhia Cerâmica das Devezas / Telefone 252 VILA NOVA DE GAIA

Lusalite. Fibro-cimento nacional. Chapas Onduladas e Lisas. Tubos para todos os serviços. Corporação Mercantil Portuguesa, Lda.—Rua do Alecrim, 10—Lisboa.

A Sedaria de M. Alves Ribeiro em Cta. Fábrica de tecidos de seda. Rua Anibal Patricio, 410 Porto Telefone 1533

Artigos **Fotográficos.** Tudo para fotografia e cinematografia. Trabalhos para amadores. Películas e chapas Perutz. Enviam-se catálogos. ROIZ, LDA. R. Nova do Almada, 84—Telef. 24670—Lisboa.

Casa Africana R. Augusta — Lisboa R. 31 de Janeiro-Porto. Tecidos - Malhas para Senhoras - Alfaiataria de Homens e Rapazes - Malhas e Meias, etc. - Tudo para vestuário. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::

Fábrica das Antas Rua da Vigorosa, 654-Porto Telefone 972. As maiores instalações do país para o fabrico de arame farpado e rede de arame. Malhas de ferro para cimento armado e estuques. Pregaria, etc.

Sociedade **Comercial A. Freitas & Gameiro, Lda.** — Engenharia Armamento e Munições // Material aeronáutico. Séde social — Rua do Arsenal, 148, 2.º Telefone 26245 — Lisboa — Teleg. Torpedo

A Aluminia, Lda. Rua da Pastelaria, 219—Porto. Telefone 21 - Foz. Fundada em 1902. Louça de alumínio. A mais económica. A mais higiénica. Marca «TREVO» : : : : : : : : : : : : :

Fosforeira **Portuguesa.** Séde / Lisboa Rua Garrett, 62. Fósforos para consumo nacional e coloniais. (fósforos de exportação) // Fábrica em Espinho. Delegação / Porto / Avenida dos Aliados, 9, 1.º

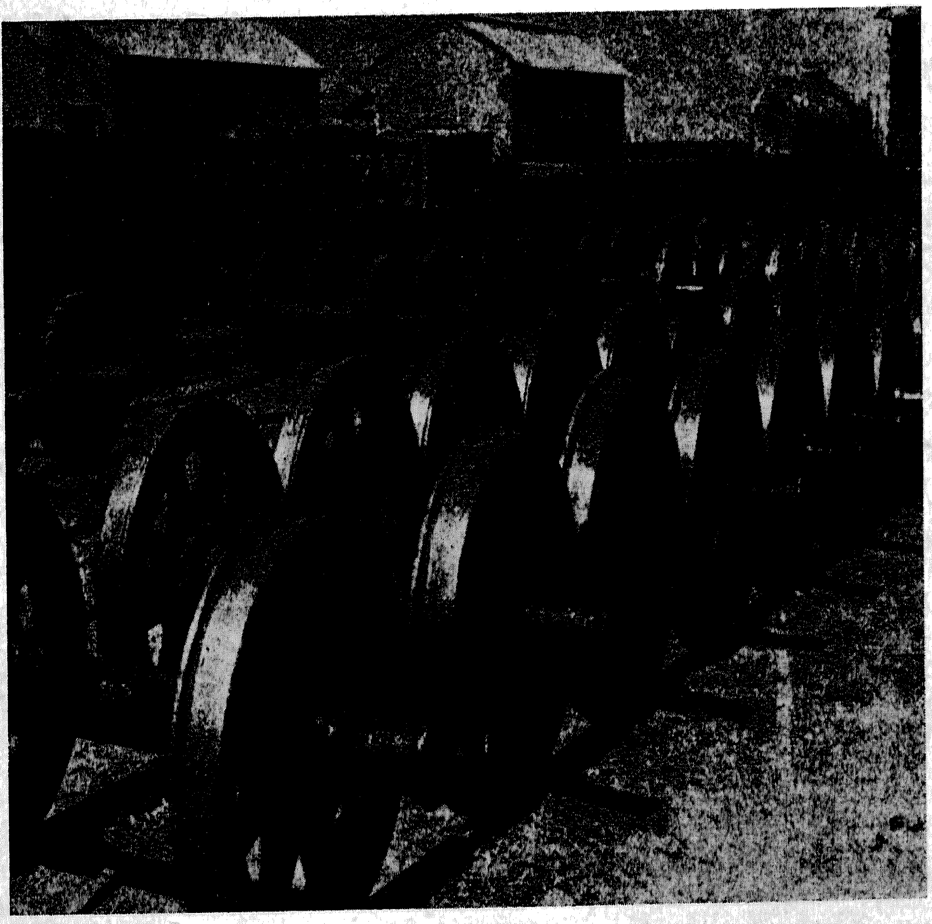
CAMINHO
DE FERRO DE BENGUELA
LOBITO

Ligações da Katanga com a Europa.
A mais curta estrada para a Africa Central.

Distância via Lobito comparada com via Beira:
Distância a favor da via Lobito: 578 milhas por terra e 2.955 por mar. Total: 3.553 milhas

Distância via Lobito comparada com via Cape Town:
Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas por terra e 1.450 por mar. Total: 2.719 milhas

Séde em Lisboa: Largo do Quintela, 3



PORTUGUESES!

AUXILIAI A CAMPANHA
PATRIÓTICA DA

«DEFESA NACIONAL»

REVISTA MENSAL
ILUSTRADA

que vos elucida sôbre todos os assuntos relacionados com a

INDEPENDÊNCIA DA PÁTRIA

SEDE: RUA DO TEIXEIRA, 6-3.º / LISBOA / TELEFONE 21411

CONDIÇÕES DE ASSINATURAS:

Continente e Ilhas Adjacentes:		Colónias do Oriente e Estrangeiro:		Colónias de África:	
6 números	11$00	6 números	16$00	6 números	14$00
12 números	21$00	12 números	31$00	12 números	27$00

Preços especiais para os alunos de tôdas as escolas do país. — Dão-se informações na sede desta Revista.

A **«Defesa Nacional»** está procedendo à publicação a côres dos Uniformes do Exército e da Armada de Portugal, atravez as diferentes épocas da História.